

35

O BARÃO DO OYAPOCK.



Sabbas da Costa.

O BARÃO DO OYAPOCK.

DRAMA EM UM PROLOGO E TRES ACTOS

ORIGINAL BRASILEIRO.

DE



FRANCISCO GAUDENCIO SABBAS DA COSTA.

Autor dos dramas Francisco II ou a Liberdade da Italia, D. Pedro V ou o Moço Velho, Garibaldi ou o seu primeiro amor, e das comedias A Buena-dicha e o Escriptor Publico.

SAN'LUIZ:

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz, 4 A.

1863.



51-7687.

100.222 AD
1951



A

SUA Magestade Imperial

O SENHOR D. PEDRO II,

Imperador Constitucional

E

Defensor Perpetuo do Brasil.

Senhor.

E' obvio que Vossa Magestade
Imperial dedica a Sua Augus-
ta protecção a litteratura brasileira,
isto é o que me anima a ir depor
aos pés de Vossa Magestade Im-
perial este mesquinho trabalho do
meu acanhado engenho, conscio de
que Vossa Magestade Imperial,
naõ levará a mal a liberdade que

meousei a tornar, publicando
o meu drama **O BARÃO DO OYAPOCK** offe-
recido e consagrado a Vossa Ma-
gestade Imperial, como um pe-
queno signal do muito amor e res-
peito que consagro ao meu Magna-
nimo Imperador.

De Vossa Magestade Imperial

O mais humilde e fiel subdito

O auctor

FRANCISCO GAUDENCIO SABBAS DA COSTA.

PERSONAGENS.

MANOEL JOAQUIM DOS SANTOS.....	Barão do Oyapock.
ALFREDO DOS SANTOS.....	Seu filho.
ROGERO DE SOUSA.....	Negociante.
D. ELYSIA DE SOUZA.....	Sua esposa.
D. ROSA DE SOUSA.....	Sua filha.
EDUARDO.....	Escrivão dos residuos.
COMMENDADOR EPAMINONDAS.....	Juiz.
BENEDICTO.....	Proprietario.
THOMAZ...)	
VENTURA.)	Guias de viandantes.
ROBERTO.)	
ANDRÈ.....	Escravo do barão.
ESCRIVÃO DAS EXECUÇÕES.....	
OFFICIAL DE JUSTIÇA.....	

Official, soldados, creados e escravos &c, &c.

Epocha a de 185...

PROLOGO.

O Theatro mostra o interior de uma estalagem mediocre, com um corredor no centro, tendo á direita um quarto e á esquerda uma sala em forma de botequim. Quarto e botequim deitão porta para o corredor e têm janella do lado opposto das portas. No botequim vê-se uma prateleira mal sortida com garrafas etc., um balcão, e uma meza redonda no centro, cadeiras, etc. O quarto está preparado para hospedes, tem ao fundo um grande fogão, ao lado um leito, no centro uma meza redonda; sobre o fogão tem castiças com vellas. A entrada para a sala e para o quarto é pelo corredor que tem uma porta no fundo.

SCENA 1.^a

Manoel Joaquim (no quarto dos hospedes, arranjando os moveis.)

É quasi noite. Desapparece o sol no poente e surge no dia seguinte, sempre e sempre nos deixando, ou encontrando agarrados ao trabalho. Triste condicção é a dos pobres. Além da vida ser curta e cheia de tantos tropeços, temos obrigações!.. Maldita pobreza, que me persegue desde o berço, e com que temo descer á sepultura por mortalha. Levo noite e dia occupado, e no fim apenas vejo cahir na gaveta alguns chorados cobres, dos quaes á custo os freguezes se desagarrão. E é com esse escasso rendimento, que deve um homem sustentar uma familia! E quantos hospedes caloteiros tambem somos obrigados a sustentar! E quando se tem alguem doente, como ha tres mezes eu tive! Oh! então a cousa é triste! É o diabo que se mette de permeio... (observando a cama).

Ainda podes servir para algum hospede, apesar de não estares lavadinha de novo. Ainda foste preparada pelas mãos de minha defunta mulher! Deos lhe falle n'alma. Pobre mulher! Além da falta que me faz, este Hotel vai em decadencia depois de sua morte! Ella cuidava no esposo, nas roupas, nas camas, e em tudo mais que tomava a seu cargo. O terreiro estava povoado, a caixa economica encerrava alguns fundos de reserva, o Hotel estava abastecido de tudo, e não tinhamos credores. Mas a prolongada enfermidade que a levou a

sepultura tudo destruo! Hoje nada tenho e muito devo. Se não fosse o meu Alfredo, era capaz de... matar-me! Matar-me? Isso não, ainda heide ser rico, muito rico. Uma voz me falla ao coração, promettendo-me grandes riquezas.

Rico! rico! Se eu tivesse o genio de meu filho Alfredo, que vive de mãos dadas ao trabalho sem a pobreza incommodal-o, talvez fosse feliz; mas detesto a miseria, odeio o trabalho, e não posso viver assim. Tenho credores... Credores!... Raça de judeos, que no meio dos risos fere-nos com a mais terrivel das armas, a conta de que somos devedores!... Que estado de miseria offerece este Hotel! Já despedi o criado Benedicto; hoje o serviço peza sobre mim e o cosinheiro, a quem ainda assim devo o salario. (mexendo em um segredo, que abre, no fundo do foquão) Este segredo facilita-me o entrar no quarto dos meus hospédes, quando sahem e levão a chave da porta. E' uma mina que aqui tenho, pois á peso de ouro paga-me a policia quando dou-lhe aviso que aqui estao os rebeldes do sul, esses tigres, emissarios de Bento Manoel, Canavarro e outros. Mas nem isto mesmo apparece. Já nem mesmo ha rebeldes! (fecha o segredo.)

Quantos papeis uteis á policia, não se pode obter desta forma. Ninguem, a excepção do meu Alfredo, tem conhecimento deste segredo; mas Alfredo é discreto, não hade descobrir aquillo que para servir a quem bem me paga e ganhar dinheiro sube arranjar.

SCENA 2.^a

O mesmo e Benedicto.

BENEDICTO (á porta do fundo do corredor.)

Dá licença, ex-patrão? É o vosso ex-caixeiro Benedicto.

MANOEM JOAQUIM (sahindo do quarto para o corredor.)

Oh! és tú, Benedicto? O que determinas? Entra para cá (então para a sala do botequim.) A que vens á este hotel?

BENEDICTO (envergonhado.)

Eu... vinha fallar com o ex-patrão... vinha ver se o ex-patrão... estava bom de saude... E o Snr. Alfredo?

MANOEL JOAQUIM.

Vamos indo assim, assim (*á parte.*) Incommoda-me a presença de um credor (*alto.*) E como vais, Benedicto?

BENEDICTO.

Mal, muito mal. O ex-patrão depois do golpe da ex-patrão, a quem Deus tenha no céu, ficou consternado e o luto ainda o entristece mais, e com tudo, talvez que a estalagem vá rendendo, pois a má sorte, cansada de perseguil-o talvez deixasse lugar á fortuna para encher-o de beneficios... e... tendo a estalagem...

MANOEL JOAQUIM.

Benedicto! Que ainda não te acostumasses á chamar Hotel a minha casa? A tua ignorancia não te deixa differençar o valor que tem a palavra Hotel sobre a palavra estalagem. Estalagem é uma palavra puramente portugueza, por demais rasteira, ao passo que hotel é derivado do francez... ou mesmo francez, que nós já naturalisamos por explicar melhor os nossos estabelecimentos.

BENEDICTO.

Perdão... perdão... Snr. Manoel Joaquim. O ex-patrão sabe que apenas sei escrever, ler, e contar para não me deixar enganar. Queira desculpar-me por tratar assim a estalagem do ex-patrão.

MANOEL JOAQUIM.

O que andas fazendo agora?

BENEDICTO.

Sirvo de guia aos viajantes até Nova Friburgo, ou Morro-Queimado, como vulgarmente conhecem, e de lá á S. José e a Cantagallo, pois todos estes reconcavos são meus conhecidos, e com isto vou adquirindo meios de viver, fazendo meo ganchinho de vez em quando. Como agora passasse pela sua estalagem (*movimento de raiva em Manoel*), vim prevenir ao

ex-patrão que eu necessito do meu dinheiro. Tenho um arranjozinho em Santo Antonio de Sá, e quero saldar ás minhas contas cá da raiz da serra, porque tão cêdo não pretendo passar por estes lugares, e então...

MANOEL JOAQUIM (atrapalhado.)

Fazes bem...mas...Queres então os teus ordenados?...

BENEDICTO.

O ex-patrão me desculpe o vir incomodar... mas ha dois mezes que fui despedido sem ter sido pago. Conto que já tenha dinheiro para pagar-me os seis mezes que servi-lhe de caixeiro... de criado... Oh! o ex-patrão nunca me poupava ao trabalho, nem eu fugia das minhas obrigações.

MANOEL JOAQUIM.

Infelizmente ainda não te posso pagar... não tenho dinheiro...

BENEDICTO.

Ainda não me pode pagar! Servi seis mezes sem receber um real do ex-patrão, e o Snr. despede-me de sua estalagem...

MANOEL JOAQUIM.

Hotel, sô bruto! Tens entendido? Não é por seres meu credor que devo deixar menoscabares o meu estabelecimento.

BENEDICTO (cobrindo-se.)

Bruto! Eu?! Oh! meu ex-patrão, eu não me importo que a sua estalagem não seja estalagem, me é isso indifferente; o que quero é o meu dinheiro. Empreguei-me em sua casa, trabalhei dia e noite, e no fim das contas Vmc. despedio-me ficando com o meu dinheiro. Passão-se os dias, venha hoje, venha amanhã, e além das desculpas nada mais tenho obtido do ex-patrão! Saiba que isto não pode continuar assim.

MANOEL JOAQUIM (constrangido.)

Ainda não te pude pagar, mas possues um papel em que

declaro dever-te cento e vinte mil reis, de seis mezes de teu ordenado como meu caixeiro que foste, e envergonhado digo-te que não tenho um real para te dar. Mas isto hade mudar. Careço de dinheiro, devo-te, e devo á quasi todos os meus visinhos. Oh! ou heide ser rico, ou heide morrer envergonhado de tanta pobreza. Quero pagar a todos os meus credores, e tornar-me credor de todos. Venderei este Hotel, deixarei esta serra, irei para Itaborahy ou Porto das Caixas, abrirei outro estabelecimento igual a este, ganharei mais, ficarei rico, e não andarei vexado por tantos credores. Se eu morrer pobre, minha alma não se salvará certamente. Nasci para ser grande e heide ser. Este Hotel nada deixa; poucos freguezes o procurão e não será assim, que heide sahir da cepatorta, e que heide pagar a quem devo. Quero ser rico, tenho dito, e esta vontade me dará azas para chegar ao fim que tanto almejo. Benedicto, ainda heide ser milionario... muito rico...

BENEDICTO.

E eu heide esperar até que o ex-patrão seja rico para receber a minha dívida de seis mezes de assiduo trabalho?... Meu Deus!

MANOEL JOAQUIM.

Não. Breve te heide satisfazer. Bem vês que a pobreza, a miseria me cercão e querem apertar-me em suas garras, devorar-me o coração, que estremece-me no peito cheio de ambições e esperanças. Meu filho anda mal vestido, mal come, dorme mal, para trabalhar e ganhar alguma cousa. No entanto elle parece ter nascido para ser um verdadeiro cortesão. A educação que lhe mandei dar soube aproveitar, e se eu chegar a ser grande... Este pensamento me segue como uma salvação futura que me espera.

BENEDICTO.

Então serei pago? Mas por em quanto...

MANOEL JOAQUIM (constrangido.)

Não... não, heide pagar-te antes de ser realisado esse sonho lisongeiro, que me sorri sempre.

BENEDICTO.

Quando?... Quando serei pago então?

MANOEL JOAQUIM (com mãos modos.).

Quando tiver dinheiro.

BENEDICTO.

Quando tiver dinheiro? E como heide eu saber quando o ex-patrão deve ter dinheiro? Isto é de mais! Sempre a mangar... hoje não, amanhã sim; se é segunda-feira vem sabbado, e se é sabbado vem para outra semana. Assim ando como um burro de aluguel, e não recebo os meus ordenados. Ha dois mezes que me engana, que me illude... eu perco a paciencia... (senta-se e depois ergue-se formalizado). Snr. Manoel Joaquim, quando me despedistes de vossa estalagem deveis nessa occasião ter pago os meus ordenados. Mas o que fizestes? Pozeste-me na rua, tendo a cautela de ficar em casa com o meu dinheiro e quizestes embaçar-me dando-me este papel... que... (tira do bolso o papel) que nada vale, por que... não o podeis pagar. Mandastes-me ha dois mezes procurar arranjo, e ficastes-vos arranjando com o meu dinheiro. Eu quero o meu pagamento, quando não, levo-vos a policia e veremos se eu mostrando este papel (mostra o papel da divida), se vos não haveis de cossar. Esgravatai as gavetas, e dai-me dinheiro que eu perco a paciencia. Sei que deveis a todos os visinhos, e que nem os remedios que comprastes para a defunta vossa mulher tomar na sua doença ainda pagastes, nem pagastes á tia Michaela... que era a mezinheira... ou o medico da doente...

MANOEL JOAQUIM (aparte.).

Quanta insolencia! Assim são quasi todos os credores (alto). E não pode o Snr. Benedicto esperar, digo, deixar para outro dia o recebimento, visto eu dizer-lhe que não tenho um real? Dar-me um praso pequeno para embolsa-lo..

BENEDICTO (sentando-se.).

Não. Quero agora mesmo o meu pagamento..

MANOEL JOAQUIM.

Mas agora não posso pagar.

BENEDICTO.

Não sahirei desta estalagem sem o meu dinheiro.

MANOEL JOAQUIM (aparte.)

Eu me perco! (alto) Ficai á vossa vontade... (vai sahindo Benedicto o detem) O que determinais?

BENEDICTO (que se tem levantado para deter a Manoel.)

Então deixais-me a ver signaes? Nem ao menos me dais algum dinheiro por conta?

MANOEL JOAQUIM.

Não tenho.

BENEDICTO.

Estais quebrado? Fizestes banca rota?

MANOEL JOAQUIM.

Não.

BENEDICTO.

Então pagai-me.

MANOEL JOAQUIM.

Hoje, amanhã, nestes dias mais proximos não me é possivel.

BENEDICTO.

Levo-vos á policia. Denuncio-vos como um fallido, e então...

MANOEL JOAQUIM.

Mentes! Passarás por um calumniador.

BENEDICTO (ufano, cobre-se com o chapéo.)

Levo-vos á barra dos tribunaes... e veremos se sou um calumniador.

MANOEL JOAQUIM (derrubando o chapéo da cabeça de Benedicto.)

Descobre-te, caixeiro insolente, diante de teu patrão.

BENEDICTO.

Snr. Manoel Joaquim dos Santos, já não sois meu patrão, nem eu vosso caixeiro. Tendes entendido? Ha dois mezes sahi do vosso serviço deixando ficar agarrado á vossas mãos o dinheiro que com o suor de meu rosto sube ganhar. Olhái que me chegando a mostarda ao nariz...

MANOEL JOAQUIM (agarra uma cadeira.)

Miseravel! (vai dar com a cadeira em Benedicto.)

BENEDICTO (agarra Manoel, toma-lhe a cadeira, e vai dar-lhe um socco.)

Desgraçado!

SCENA 3.^a

Os mesmos e Alfredo.

ALFREDO (segurrando a Benedicto.)

O que fazes?

BENEDICTO (deixando a Manoel.)

Desculpai-me, Snr. Alfredo. Vosso pai queria dar-me com uma cadeira, arranquei-lhe das unhas antes que ella cahisse sobre mim. Desculpai-me... eu vim receber o meu dinheiro, e hia levando cadeiradas. Sempre levava alguma cousa; é um modo novo de pagar dividas.

MANOEL JOAQUIM.

Vai-te, infame! Miseravel! Vieste atacar-me, insultar-me, tentar contra a minha vida! És um monstro, um assassino!

BENEDICTO.

Vim receber o que me deveis.

ALFREDO.

E quanto vos deve meu pai?

BENEDICTO.

Cento e vinte mil reis, de seis mezes de ordenados, a conta não falha, e aqui tem Snr. Alfredo, o papel que ha dois mezes quando me despedio entregou-me em pagamento (dá a Alfredo para ler o documento da divida.) Eu me fio do Snr., lê-de... lê-de. Nestes contornos todos dizem como se fallassem por uma só bocca que o Snr. Alfredo dos Santos é um homem heurado, laborioso, e não parece filho do tal Snr. Manoel Joaquim... que é... que é um caloteiro!

ALFREDO (examinando uma carteira que tira do bolso.)

Não tenho para pagar! De que me serve trabalhar tanto? (alto) Snr. Benedicto, respeitai a meu pai se não quizerdes que digão que o filho do Snr. Manoel Joaquim vos espancou. Aqui tendes por conta da divida de meu pai 20/000 rs. Queira passar o recibo, e pelo resto eu me responsabiliso.

BENEDICTO.

Snr. Alfredo, eu não queria... nada me deveis... O Snr. sempre trata a todos bem... eu não devo receber do filho a divida do pai...

ALFREDO.

Admirai-vos, de ver um filho pagar as dividas de seu pai, porque é regra geral os pais pagarem as dividas dos filhos; mas não ha regra sem excepção. Seja esta a excepção dessa regra. Recebei e passai um recibo por conta.

BENEDICTO, (constrangido.)

Mas, Snr. Alfredo...

MANOEL JOAQUIM, (a parte raivoso.)

Quanta humilhação! Oh! heide ser rico!... (sentia-se co-
lerico) ou o diabo me trague.

ALFREDO.

É um empréstimo que faço a meu pai, passai o recibo.

BENEDICTO (indo ao balcão do botequim escreve.)

Recebi do Snr. Manoel (representando). Entendo que de-
ve ser do Snr. Alfredo. O Snr. é quem me dá o dinhei-
ro...

ALFREDO.

Continuai com o nome de meu pai.

BENEDICTO, (escreve e traz o recibo.)

Aqui tendes, mas ficai certo que só obrigado levo o vosso
dinheiro. Ah! ao menos agora a minha divida está garantida.

ALFREDO.

Prohibo-vos dirigirdes indirectas á meu pai.

BENEDICTO.

Está bem, Snr. Alfredo, como de hoje em diante nada tenho
com elle e sim comvosco, irei receber o meu dinheiro na fa-
zenda do Snr. Barão de Tocantins, onde sei que estais tra-
balhando. Mas, se alguma vez precisardes de Benedicto, lem-
brai-vos, que elle está ás vossas ordens... Boa noite, adeos.

ALFREDO.

Adeos.

SCENA 4.^a

Manoel Joaquim e Alfredo.

MANOEL JOAQUIM.

Viste as consequencias de ser-se pobre? De não se ter di-
nheiro?

ALFREDO.

Melhor é dizer, meu pai, de ter-se credores. E que vós sempre vos exponha a lutar com todos! Se eu não chegasse tão a propósito talvez que o Benedicto vos tivesse esbordoado, como um selvagem que é.

MANOEL JOAQUIM.

Elle me hade pagar. Alfredo, deste todas as tuas economias para accomodares aquelle tratante. Calaste um credor á custa do teu trabalho!

ALFREDO.

Tranquilisai-vos, meu pai, calei um credor vosso. estou completamente satisfeito. Parece que Deos me quiz de ante-mão premiar esta acção que agora viste praticar. O Snr. Barão do Tocantins tem-me tratado sempre á vela de libra, e em vista das minhas habilitações disse-me elle hoje: Alfredo, és muito moço, que idade tens? Vinte dous annos, Snr. Barão, respondi-lhe eu. Ah! é a mocidade em todo o seu verdor, mas tens tino e és um rapaz de merecimentos, capaz de desempenhar qualquer missão que se ti confie; quero por isso fazer-te feitor da minha fazenda. A mim? Snr. Barão, o que dizeis? Digo-te que parto para a Côrte e deixo-te entregue da minha lavoura, ganhando seiscentos mil reis por anno, cincoenta por mez, com casa, cama e comida. Meu pai, julguei que estava sonhando á vista de tanta felicidade. Aceitei o offerecimento do Snr. Barão.

MANOEL JOAQUIM.

E tens de embrutecer-te com esses africanos, mettido no matto toda a tua vida. Alfredo, a tua cutis còr de roza está bronzeada pelos raios do sol; a tua pelle que era tão mimosa, aspera pela chuva, e máo tempo; tú não nasceste para servir em tão espinhoso trabalho. Ah! eu bem quizera te vêr occupado mais nobremente.

ALFREDO.

Sou pobre, devo ganhar o pão, e a occiosidade é a mãe dos vi-

cios. Que me importa a charrua ou o arado, a enchada ou a fouce, contanto que eu ganhe dinheiro, que não mendigue de porta em porta uma esmola pelo amor de Deos, que não seja pesado a sociedade, que viva honrado sempre? Que seja sempre o mesmo Alfredo, como me querem fazer os vossos credores? Quantas vezes meu pai não ficais sem almoço, sem jantar, e não dormis sem ao menos teres ceiado, por não terdes com o que comprar se quer o feijão, e a farinha que vos deve matar a fome? Os visinhos, malquistados comvosco, não vos vendem, não vos emprestão, não vos dão coisa alguma! Mas tambem, se brigaes com todos! Seja como lór eu vos servirei de arrimo, ajudar-vos-hei a pagar vossas dividas, seremos felizes.

MANOEL JOAQUIM.

Tudo isto hade mudar. A sorte má me persegue, eu a combaterei e veremos quem sahe vencedor. Muitas vezes tenho deixado de comprar o que comer para jogar na loteria. O bilhete sae branco, perco o meu dinheiro que me serveria para matar a fome. Deos ou Diabo me hão-de tornar rico. Tenho fé em ambos.

ALFREDO.

Meu pai..... esse fallar..... essa ambição.... A riqueza é uma coisa sublime, quando ella é adquirida com o trabalho, com a probidade mas se ella nos vem por outros meios, se para sermos ricos tivermos de baratear a nossa honra, esse dinheiro que nos faria felizes, faz-nos desgraçados. Meu pai, trabalhemos que Deos se condoerá de nós, e então talvez vejais realisadas as vossas ambições.

MANOEL JOAQUIM.

Sou muito ambicioso, e minha alma se não salvará, se eu morrer pobre (vai ao quarto dos hospedes.)

ALFREDO, (na sala do botequim)

Temo que a ambição o perca. Mas nada devo receiar (sentta-se junto á mesa), este temor é vão.

MANOEL JOAQUIM (no quarto.)

Tudo isto arranjado com luxo, com esmero, com limpeza,

e deserto! isto é horrivel (sabe e fecha a porta por fora). Quando a minha sorte se hade mudar? (entra para a sala) Alfredo, quando pretendes entrar para o serviço do Sr. Barão? Barão! Acho este título pomposo! Barão! Um barão deve ser um homem rico, grande, poderoso e feliz! O Sr. Barão do Tocantins é tudo isso? não é assim?

ALFREDO, (levantando-se.)

Assim o julgo. Elle parte para a côrte no 1º do mez, dia em que começa o nosso trato. Devo fazer suas vezes de 1º de Janeiro.

MANOEL JOAQUIM.

Nós estamos a 24 de Dezembro—está bem. (sabe.)

SCENA 5.^a

Alfredo, só.

Pobre pai! A pobreza o incommoda, e a ambição o fascina! (senta-se pensativo algum tempo) Pagarei a Benedicto, depois aos visinhos; restabelecerei o credito de meu pai, que se acha abalado, e depois veremos o que devemos fazer. Ao menos meu pai viverá desafrontado das vistas de tantos credores, que o incommodão todos os dias. É preciso servir bem o Sr. barão. Assim o pretendo. Suas contas andarão em dia, as colheitas remettidas a tempo, os escravos tratados com humanidade e disciplina, os animaes gordos e luzidios, e o Sr. barão no fim do anno, contente pelo resultado que lhe der, pela vantagem que hade encontrar no novo feitor, me hade gratificar. Agora devo me ir arranjar para dormir. A noite não tarda. Tenho pela manhã de ir à caça para deixar alguns bixos com que meu pai sirva aos freguezes, se elles por accaso apparecerem. Em quanto não chega a ser rico, devo ajudal-o (vai sahindo; entraõ pelo corredor Rogero, Ventura, Thomas e Roberto). O Sr. Rogero! Oh! Ha tanto tempo que o não vejo.

SCENA 6.^a

Alfredo, Rogero, Thomaz, Ventura, e Roberto.

ROGERO.

Então como vaes, meu joven? Aonde está teu pai?

ALFREDO.

Vou chamal-o.

ROGERO.

Avia-te, meu rapaz, olha que trago uma fome igual á dos meus companheiros.

THOMAZ.

Maior que o rio Macacú, ou o rio Bengala.

ALFREDO.

Meu pai não tardará... Mas... aonde deixastes os animaes?

ROGERO.

Na estrebaria, se é que esse nome merece um cazebre de sapê que nas outras viagens teu pai baptizava assim.

ALFREDO.

Até já. Irei tratar dos animaes e enviar-vos meu pai.

SCENA 7.^a

Rogero, Ventura, Thomaz, e Roberto.

ROGERO.

É esta a espelunca onde tenho por costume pernoitar, quando subo ou desço a serra de Nova-Friburgo. Chama a isto o Sr. Manoel Joaquim, seu legitimo proprietario, um hotel— assim como o que vemos é um botequim. Na verdade que um

armario com garrafas vazias, e um balcão merece esse nome!
ah! ah! ah! (rindo-se).

TODOS (rindo.)

Ah! ah! ah! ah!

ROGERO.

Não se rião assim que póde desconfiar comnosco se nos ouvir. É um pobre diabo que só tem de bom este filho, depois que lhe morreu a mulher.

THOMAZ.

Então o patrão não escolheu outra estalagem melhor? Ha tantas...

ROGERO.

Esta bodega, assim plantada na estrada, como um estafermo negro erguido em vasta e verdejante campina, atrahio-me a primeira vez, e a mulher do estalajadeiro era agradável e obzequiadeira, que captivava a todos. Este rapaz que sahio chama-se Alfredo, é filho do dono da casa e d'essa infeliz senhora que morreo ha mezes. Silencio... sinto passos. O Sr. Manoel Joaquim é um urso, cautella com elle.

SCENA 8.^a

Ditos e Manoel Joaquim.

MANOEL JOAQUIM (entra do corredor para a sala.)

Oh! o Snr. Rogero, já de torna viagem? Então como foi o negocio? Feliz, feliz em tudo, heim? (para os companheiros de Rogero). Então não querem tomar alguma cousa? Oihem que tenho da verdadeira Paraty. Queima como fogo!

THOMAZ.

Venha um trago (senta-se junto á meza).

ROBERTO.

Outro para este seu criado (senta-se junto á Thomaz).

VENTURA.

Não os deixo ficar mal (*senta-se junto dos dois*). Para beber-estou sempre prompto.

ROGERO.

Nada de embebedarem-se. Olhem que de madrugada temos de seguir viagem (*Manoel dirige-se aos hospedes com bebidas*). Oh! Snr. Manoel, o quarto que tenho occupado está desembaraçado?

MANOEL JOAQUIM.

Ahi o tem com a chave na porta.

ROGERO.

Vou arranjar-me n'elle (*vai para o quarto, tira a malla de viagem e a colloca sobre a mesa*). Está como o deixei. Certamente não teve mais hospedes.

THOMAZ (*na sala.*)

Outro traguito, senhor...

MANOEL JOAQUIM.

Manoel Joaquim, um criado do Snr. Thomaz.

ROGERO (*no quarto.*)

Ninguem pode suspeitar que tamanha quantia me acompanhe neste sacco de viagem, e demais, terei todas as cautellas precisas para que me não roubem (*tira duas pistolas*). Comprei-as ao Laport, não negão fogo (*arranja-se no quarto*). Aqui temos phosphoros. Melhor! (*acende uma vela*). É noite já. Em phosphoros tem negociado muita gente boa... hoje... ou pelo menos, reconhecidos como taes.

THOMAZ (*Manoel deitando vinho no copo*)

Mais um copo á vossa saude, Snr. Manoel Joaquim; mas agora seja com vinho do melhor que tiver.

ROBERTO (faz o mesmo á este.)

Não deixarei ficar mal um companheiro. Lá vai á mesma.

ROGERO (collocando sobre a meza do outro quarto o castiçal, e senta-se ao pé.)

Muitos moedeiros falsos tem disfarçado com phosphoros, e á maciota vão... (abre o sacco de viagem). Ao menos se o negocio de africanos não é licito ganha-se muito, e não é muito criminoso o delinquente.

MANOEL JOAQUIM.

Querem mais vinho? Sentido! A mistura pode toldar-vos miollos.

THOMAZ.

Aonde nos alojães?

MANOEL JOAQUIM.

Nos quartos do corredor, ha camas para todos.

ROGERO (reflectindo).

Esta locanda terá segurança? N'ella tenho me alojado muitas vezes. Malditos fazendeiros! Pagarem-me a dinheiro os escravos que lhes vendi.... Poucos sacarão contra seus correspondentes da cõrte, de maneira que trago commigo a insignificante quantia de noventa contos de reis! (vendo papéis).

MANOEL JOAQUIM.

Se querem acompanhar-me, leval-os-hei a seus quartos.

THOMAZ (cambaleando).

Vamos (ergue-se). Oh! lá, o vosso vinho turvou-me a cabeça.

ROBERTO (levantando-se tonto).

É verdade! Oh! Sr. Manoel Joaquim... destes-nos um tarragona...

MANOEL JOAQUIM.

Eu bem vos disse, meus amigos, não mistureis a Paraty com vinho, não fazeis bem; mas o que vale é que ides dormir... Vinde (os tres seguem a Manoel Joaquim e saem pelo corredor).

SCENA 9.^a

Rogero (deixando de lêr).

Ha dois dias que sahi de Cantagallo, dormi em S. José, passei hontem o dia em Nova Friburgo, e amanhã, se Deos quizer, devo estar na côrte, porque d'aqui vou ao Porto das Caixas e de lá a Sampaio, metto-me na falua e... tomo o rumo do municipio-neutro. Que alegrão não vou causar as minhas caras Elyzia e Rosa? Passar o dia de Natal com ellas! Com minha mulher e minha filha! Oh! abraçado com ambas, beijal-as-hei, e a ambas terei o prazer de vêr! Elyzia é uma espoza exemplar e Rosa uma filha... o que deve ser uma menina de cinco annos? Um anjinho! Um d'esses bochechudos que a Virgem da Conceição traz nos pés! Oh! amanhã estarei com ellas para nunca mais nos separarmos. Hoje hão de ir a Missa do gallo, e rezarão pela minha felicidade. Coitadas, sem saberem que heide jantar com ellas amanhã! Amanhã! Quantos mysterios não descobrirá o dia de amanhã? Quem poderá dizer com certeza:—amanhã viverei como hoje, como hontem?

SCENA 10.^a

Rogero e Manoel Joaquim.

MANOEL JOAQUIM (bate a porta do quarto de Rogero).

Dá licença? (aparte) Os guias e companheiros de viagem já estão deitados. Beberão de mais, como sempre.

ROGERO (aparte, fechando o sacco).

Nada de causar suspeitas (abre a porta). Entrai.

MANOEL JOAQUIM.

Snr. Rogero, venho saber o que pretendeis ceiar... deveis ter fome...

ROGERO.

Em primeiro lugar, Snr. Manoel, os burros já estão comendo?

MANOEL JOAQUIM.

Meu filho está tratando d'elles. Não lhe dê cuidado. Agora tratemos do senhor.

ROGERO.

E os meus guardas de viagem? Os meus companheiros de jornada?

MANOEL JOAQUIM.

Já beberão um poucachito, e forão-se deitar... ficarão alegres...

ROGERO.

Eu sou quem pago todas as despesas que elles fizerem. Amanhã me trareis... Não... quero hoje mesmo, a conta, porque antes que a aurora desponte, heide ir esperal-a longe da vossa estalagem.

MANOEL JOAQUIM.

Hotel, Snr. Rogero. Supponho que na côrte é como se chamão estabelecimentos destes.

ROGERO.

Tendes razão. E o quanto não tenho gabado lá na côrte a vossa... digo o vosso Hotel! Por toda a parte apregão: o Hotel do Snr. Manoel Joaquim é o primeiro da serra, o melhor de todos quantos existem de Sampaio a Cantagallo.

MANOEL JOAQUIM.

Isso é bondade de V. S.

ROGERO.

E não digo mais do que a verdade.

MANOEL JOAQUIM.

E V. S. o que quer ceiar... Temos...

ROGERO.

Pouca cousa, mate e fatias torradas com manteiga. Basta que tudo seja tão aceiado como é toda a sua locanda. Desculpe-me... o seu Hotel.

MANOEL JOAQUIM.

V. S. está hoje com vontade de divertir-se...

ROGERO.

Não quereis que diga a verdade. Desculpai-me, se offendo a vossa modestia. Quando outras vezes hospedei-me aqui, pouco tratava com o Sr. Manoel, e sim com a Sra. Maria Thereza, vossa defunta, que tinha atrativos que prendião a gente. Por ter ella morrido não quiz ir a outro Hotel. Nada, pelos santos novos, não deixei o velho, e aqui me tem.

MANOEL JOAQUIM.

Ah! senhor, e que falta não me tem ella feito! Era uma santa mulher.

ROGERO.

Eu tambem tenho mulher, e calculo a falta que me deverá fazer, não tanto por mim, mas pela minha Rozinha. Ah! se a visses? É um anjo de Deos... tem 5 annos apenas e... Desculpai-me, os pais quando fallão em seus filhos esquecem-se que elles são indifferentes a quem os ouve (*indo a janella*). A vista

desta janella de dia deve ser magnifica, porque o prado estende-se atapetado de verde relva, e agora mesmo com o escuro da noite está encantador... os perylampos o estrellao... como se fosse o céo... (*saindo da janella*) Este vosso quarto é o melhor da casa, sem duvida?

MANOEL JOAQUIM.

O melhor, o que sempre reservo para os passageiros, ou viandantes de consideração.

ROGERO.

E como sabeis qual é o merecedor deste quarto?

MANOEL JOAQUIM.

O cavallo nafego conhece-se pelo quarto mettido que tem, assim os hospedes sem dinheiro, vê-se logo pelo sequito que os acompanha.

ROGERO.

Então colligistes que sou endinheirado! Enganaste-vos.

MANOEL JOAQUIM.

Pelo menos pagais sempre com generosidade. Nunca caminhastes só por estas estradas e...

ROGERO.

Quero dormir cedo para acordar cedo; trazei-me o mate.

MANOEL JOAQUIM.

Em um momento (*sae, aparte no corredor*). Elle não quer ser rico!... Meu Deos! sempre este pensamento!

SCENA 11.^a

Rogero só.

Este homem não encara com a gente! Não gosto desta casta de homens (*vae fechar a porta*). Quando vier que bata

(*senta-se*). Não seria mau depois de tantos annos de um trabalho insano perder tudo quanto havia ganhado (*senta-se e tira rolos de papeis do sacco de viagem que deve estar sobre a mesa*). Por Deos! Pouco volume faz tanto dinheiro. E não deve um homem metter-se em especulações perigosas! Quanto é mais complicada a empresa, melhor, mais lucro dá e menos são os competidores. Associei-me como caixeiro da cassa, com os contrabandistas de escravos, e fui o encarregado de dispôr das cabeças de breu pelo interior da provincia. Agora conto com uma fortuna grande, e não devo arriscar-me mais, como neste instante o estou fazendo (*reparando que a janella está aberta*). Com licença; não careço de ar frio... (*olhando para o campo*). Como está escura a noite, mais razão tenho para fechar a janella (*fecha*). Toda a segurança é pouca. Não quero que estes vales ao portador das casas bancarias da cõrte, que recebi dos fazendeiros passem a outras mãos. Em chegando à cõrte (*senta-se*) liquido as contas com os meus socios e desneço-me da firma, não páro mais em tão arriscado jogo. Nada, outro parceiro que tome o meu lugar. Careço liquidar, posso morrer, e estas coutas não entrão em livros, são negocios illicitos e não se discutem nos tribunaes. Tenho feito meus calculos, devo tirar da sociedade cento e vinte contos de reis, visto que da cobrança que levo não deixei um devedor sem quitação (*conta os massos de dinheiro*). As notas do governo são boas para conduzir-se, se fosse ouro ou prata era necessario um comboio para carregar tanto dinheiro. Gosto destes vales ao portador, ainda mais do que das sedulas do governo, porque estão a ganhar 7 % nas casas bancarias, e basta chegar lá, apresental-os e receber o dinheiro, com os competentes juros (*examina os rolos de dinheiro*).

SCENA 12.^a

O mesmo e Alfredo.

ALFREDO (*entra para a sala e senta-se.*)

Não sei o que me diz o coração, que tanto me intimida! Quando acabo de adquirir um meio de vida honroso e lucrativo, é que sinto entristecer-se-me o coração! Oh! a melancolia aperta-me o peito... quer asfixiar-me!

ROGERO (observando o quarto.)

Esta gente é honrada, mas cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a doente (*examina o quarto*). Ao menor rumor, tenho as minhas pistolas... (*continua a examinar tudo*).

ALFREDO.

Como me deixo arrastar por tão negros pressentimentos! O genio ambicioso de meu pai incommoda-me, não sei porque, todas as vezes que elle recebe hospedes, temo que nao chegue a praticar alguma imprudencia. Essa riqueza que elle tanto ambiciona, oh! quer adquiril-a infamemente. Não! (*ergue-se*) não, Alfredo tú és injusto! Teu pai é e será um homem de bem.

ROGERO.

Tudo está seguro (*vae sentar-se junto a mesa*).

ALFREDO.

Teu pai não será um infame para tornar-se milionario! Mas... esse maldito pensamento de riqueza me atropela e inquieta! (*senta-se*).

ROGERO (*examinando um caderno*).

Recebi noventa contos, não foi má colheita (*acende um charuto*). Ora, á vista do resultado, fumemos um pouco antes de dormir. É uma distracção para mim o fumar um charuto. Quando me entrego ao praser do vicio de fumar, passao-me como sonhos, diante dos meus pensamentos, a minha Elyzia cuidadosa pelo seu esposo auzente, afagando em seu coito a nossa filhinha! Já tenho um lindo dote para a minha Rosa. Quando contar seus 17 annos, sua fortuna será immensa como a do Rothschild.

ALFREDO (*triste*).

As lagrimas saltão-me dos olhos expontaneamente.

ROGERO.

Como heide ser feliz com as suas felicidades!

ALFREDO.

A desgraça com as suas negras azas esvoaça sobre minha cabeça, e o bafejar do infortunio rossa-me pela vida azedando-me o calix que julgo beber cheio de felicidades e venturas! Não é o futuro risonho e alegre que vejo agora, como julguei ver em outras occasiões. Não, agora tudo mudou-se e tenho um pressentimento de que serei um desgraçado no meio de tantos felizes! Felizes! Oh! que lhes falle a consciencia e ella que diga ao coração se parte dessa felicidade não é comprada com a desgraça alheia. Ricos! elles o são é verdade. Mas á custa do sangue humano poderão ser felizes?!

ROGERO (tira do sacco uma bolça).

Aqui trago tambem algum ouro, mas é pouco, (*conta*) apenas quinhentos mil reis! (*o dinheiro tine*).

SCENA 13^a

Alfredo, Rogero e Manoel Joaquim.

MANOEL JOAQUIM (no corredor com a bandeja com mate, á parte).

Este tinir! (*espia pela porta do quarto*). Ouro! E aquelles rolos de papel? meu Deus! Elle fechou a porta! Oh! perco a cabeça!

ROGERO (reflectindo).

A conta não mente. Noventa contos de reis.

MANOEL JOAQUIM (á parte).

Noventa contos de reis! Oh! que vertigem sinto agora!

ALFREDO (meditando).

É a desgraça que me quer experimentar, achar-me-ha resignado; saberei afrontar a miseria, como tenho sabido hoje supportar a pobreza.

MANOEL JOAQUIM (bate a porta do quarto).

É a vossa ceia que trago.

ROGERO (guardando tudo no sacco).

Este estalajadeiro tem-me cara de judeu de cartilha, não gosto d'elle (abre a porta). Ah! sois vós, Sr. Manoel Joaquim?

MANOEL JOAQUIM.

Trago-vos o mate e as fatias (olhando para o sacco, áparte). É n'aquelle sacco que está tanto dinheiro! (colloca sobre a mesa a bandeja, e faz o mate na chicara para Rogero que senta-se a beber e comer).

ALFREDO.

Careço descansar das fadigas do dia. Os quartos estão occupados por esses guardas ou defensores do Sr. Rogero. Mas em qualquer parte posso dormir. Oh! se chego a dormir esquecer-me-hei do mundo, como elle mesmo acordado se esquece de mim. (vae sahindo encontra-se no corredor com o pai).

MANOEL JOAQUIM.

Alfredo, sentido que os burricos não fiquem sem comer.

ALFREDO.

Já dei a ração, mais tarde darei outra (sae).

SCENA 14.^a

Rogero e Manoel Joaquim.

MANOEL JOAQUIM (voltando-se para Rogero).

Então não acha hom o mate?

ROGERO (comendo e bebendo).

Excellento. As fatias estão apetitosas. (*áparte*) A manteiga está rançosa e sebeta como o diabo. (*alto*) Tudo está bom. Quando, ha já tempos, hospedava-me aqui, vossa mulher sempre tinha bolinhos para offerecer aos viandantes, mas hoje a vossa esta... digo o vosso Hotel é todo masculino a respeito d'essas cousas... sim, ha cousas que só as mulheres sabem fazer.

MANOEL JOAQUIM.

V. S. vai para a côrte? (*áparte*) Que idéa!

ROGERO.

É verdade e desde já me comprometto a elevar o vosso... Hotel além do do Pharoux e outros da côrte. Não tem de que agradecer-me, nada mais digo do que a verdade.

MANOEL JOAQUIM.

Isso será bondade! (*áparte*) A vista d'aquelle sacco de viagem confunde-me as ideias! (*alto*) Senhor, vós deveis partir ao romper d'alva...

ROGERO (acabando de comer).

Estou como um principe. Satisfeito completamente. Snr. Manoel Joaquim, eu devo despertar primeiro do que a aurora e deixar vosso Hotel antes que as nuvens do dia se estendão pelo horisonte.

MANOEL JOAQUIM (*áparte*).

Durmirá as escuras ou com luz? (*alto*) Se V. S. dorme com luz na gaveta da mesa tem velas, pode gastal-as... e se dorme as escuras...

ROGERO.

Obrigado, eu dispenso a luz quando durmo. Olhe que nem mesmo a claridade do sol enxergo dormindo, e supponho que

não enxergaria nem mesmo se uzasse oculos. É verdade, Sr. Manoel Joaquim, recordo-me ter ouvido algumas vezes, a vossa defunta mulher, fallar-me em um caixeiro que tinheis, mas que nunca tive a dita de vêr. Por onde anda elle que não vos vem servir?

MANOEL JOAQUIM (agarrando a bandeja).

Ha dois mezes que o despedi. E se nunca vistes o meu caixeiro Benedicto, acreditai que deveis isso ao acaso. Elle, as mais das vezes, andava em serviço meu fora deste hotel, e é provavel tambem que Benedicto não vos conheça. Se determinardes mais alguma cousa...

ROGERO.

Comi como um frade, nada mais quero do que dormir e pagar-vos para não ter demora ao sahir; não terei tempo para ajustar nossas contas, podemos fazel-o agora. Quanto lhe devo?

MANOEL JOAQUIM (com a bandeja nas mãos).

V. S... sim... V. S. dará... dará o que quizer.

ROGERO.

De forma alguma. Hade ser o que fôr de uso pagar-se. Quanto por mim e por meus famulos, ceia para mim e...

MANOEL JOAQUIM.

Elles nada comerão, beberão unicamente.

ROGERO.

Pedi. (*tirando sedulas do bolço*).

MANOEL JOAQUIM (*confuso*).

Com 10\$000 reis V. S. me paga tudo. (*aparte*) Elle é rico!

ROGERO (*aparte*).

É caro, mas como é a ultima vez, vá. (*alto*) Aqui tendes (*paga*).

MANOEL JOAQUIM (conduzindo a bandeja).

Obrigado. Deos vos dê boa noite. (*sae e vae para a sala*).

ROGERO.

Amen. (*fecha-lhe a porta*) Dez mil reis! A mulher fazia tudo por menos.

MANOEL JOAQUIM (botando a bandeja sobre a mesa).

Oh! eu me perco! (*cae abatido sobre uma cadeira*) Elle é rico. Noventa contos!...

ROGERO.

Este pobre homem será honrado, não duvido, mas elle tem um typo no qual Lavater descobriria á primeira vista a phisionomia de um velhaco. (*prepara-se para dormir*) Deito-me mesmo vestido, gosto de estar prompto á primeira voz. (*prepara a cama*) Não é má, já tenho dormido nella muitas vezes... Oh! diabo!... não sei... Rogero tens medo? Não, medo de que? (*vae buscar as pistolas, colloca-as em uma cadeira junto a cama e bota o sacco de viagem ao pé da cadeira*) Estas cautellas não são por mim, são tomadas pela futura felicidade de minha mulher e filhinha... Oh! a minha Rozinha d'aqui a 12 annos será uma linda moça, tocará piano, fallará francez. Oh! hade fallar... tem um dote grande... contrapeso com que muitos pais impingem muitas vezes suas filhas estupidas e feias. Um dote é a principal qualidade de uma mulher para certos figurões que não sahem do cartorio do escrivão dos residuos e capellas, para consultar o inventario da casa d'aquella que querem namorar, requestar e... Miseria! O mundo está corrompido e este Rio de Janeiro é o foco da maior desgraça.

MANOEL JOAQUIM (perturbado).

Um crime! (*cae abatido de novo*) Matar e roubar!

ROGERO.

Para o anno levarei a minha Elysia a visitar seu pai no Rio

Grande do Sul, e Rozinha tomará então a benção a seu avô Oh! que alegria não será para a minha Elysia vêr o querido e estremo pai, que ha 4 annos deixou para seguir-me na carreira da vida. Elle me agradecerá muito... oh!... sim. (*apaga a luz*) Eu quando durmo vejo só trevas nao careço de luz (*vae ás apalpadellas e deita-se*)

MANOEL JOAQUIM (*ergue-se desorientado*).

Rico! Rico! Oh! É o diabo que me quer perder! Este plano!

ROGERO (*acommodado na cama*).

Não é máo deitar-se a gente depois de uma longa viagem.

MANOEL JOAQUIM (*meditando*).

Sim... sim... e depois? Serei rico! Rico! Oh! Deos ou o Diabo seja conmigo. (*sahe*).

SCENA 15.^a

Rogero só.

Uma noite passa depressa e amanhã estarei com a minha Elysia e Rozinha para festejarmos o Natal. Já sinto o somno visitar-me as palpebras. (*espreguiça-se*) Dormindo, o tempo passa mais rapido... Elysia... Rozinha... Deos as proteja... oh... amanhã sim... amanhã... apertal-as-hei em meus braços—a ellas... Elysia... Roza... (*dorme*)

SCENA 16.^a

Rogero e Alfredo.

ALFREDO (*vem perturbado entra para a sala*).

O que terá meu pai para me fallar assim tão perturbado. Oh! tudo é silencio neste recinto! O Snr. Rogero já deve dormir, porque o cansaço é bom auxiliador do somno. Mas

com que meu pai se perturbaria tanto? Oh! meu Deus! Não é possível! Descobriria riquezas nesses infelizes embriagados, que sobre o duro enxergão dormem nos quartos interiores? Ou será o Snr. Rogero! Mas esse está defendido por si, é nosso freguez velho... cauteloso fecha-se por dentro... oh! Mas aquella entrada secreta? Meu Deus! (*cahe em uma cadeira*) Não, meu pai não tentará contra a vida de um homem, que se fia de dormir em sua estalagem... seria um monstro... Oh! deixaria de ser meu pai...

SCENA 17.^a

Rogero, Manoel Joaquim e Alfredo.

MANOEL JOAQUIM (*com uma lanterna furta fogo entra no quarto pelo segredo do fogão*).

Elle dorme!

ALFREDO (*na salla*).

Como soffro tanto!

MANOEL JOAQUIM (*indo ajudado pela claridade da lanterna ao leito de Rogero*).

A escada encostada nesta janella, que acharáõ aberta, arredará de mim qualquer suspeita. Deos receba tua alma (*mata a Rogero e abre a janella tira as pistolas*).

ROGERO.

Ah!... soccorro... eu morro!

ALFREDO.

Estes gritos! (*vai a porta do quarto de Rogero*) Silencio!... tudo é silencio! Sonharia elle? Oh! corro a salvá-lo, e talvez que chegue a libertá-lo da morte, entrando sem ser esperado pelo segredo do fogão.

SCENA 18.^a

Manoel Joaquim e Rogero morto.

MANOEL JOAQUIM.

Sou rico! Ninguém ouviu seus gritos de morte, porque seus famulos embriagados dormem todos distantes deste quarto. *(observa a Rogero)* Morto! *(agarra o sacco)* Agora sou... sim... sou feliz. *(sahe pela entrada do fogão)*

SCENA 19.^a

Alfredo, Manoel Joaquim e Rogero (morto).

ALFREDO *(trazendo agarrado Manoel Joaquim que conduz o sacco, o leva para o botequim)*

Sois um ladrão! Um assassino!

MANOEL JOAQUIM *(cahindo de joelhos).*

Sou teu pai!

ALFREDO *(recua, tremulo e balbucia).*

Meu... pai! *(cahe abatido em uma cadeira).*

FIM DO PROLOGO.

ACTO I.

Sala nobre do palacete do Barão do Oyapock, com portas lateraes e ao fundo, as-
quaes deitao para outras salas, que dao entrada para a sala principal.

SCENA 1.^a

Barão (sentado em uma poltrona, junto a uma mesa do meio
da sala, examinando alguns papeis).

Sonhos da vida! Riquezas! Tempo houve em que ambi-
cionei muito ser rico, e hoje que o sou, ambiciono ainda ser
mais rico!! Que o homem não se satisfaça! As nossas ambi-
ções vão sempre além de tudo quanto vamos adquirindo!
Sim, quero mais dinheiro, quero ser tão rico, quanto fui
pobre. (*mostrando um caderno de papeis*) Com estes estatutos
crea-se um banco commercial e eu, e os meus collegas mi-
lionarios, que, somos os fundadores e possuidores de muitas
acções ganharemos o triplo do capital que empregarmos. Só
nos falta a sancção do governo, a quem devo apresentar hoje os
estatutos e obter d'elle a aprovação completa. É um meio do
dinheiro ganhar dinheiro (*deixando os papeis sobre a mesa*).
O que sinto é com tanto trabalho, com tanta fadiga, com
tantos riscos ganhar uma fortuna immensa, e nuir tanta ri-
queza em minhas mãos, para deixal-a a um filho exentrico, de
um genio inteiramente opposto ao meu. Acostumado na pobre-
sa desde o berço, e querer ser pobre toda a sua vida! Sou rico,
sou estimado de todos os credos politicos. Mas como enriqueci
devem ignorar todos! Oh! (*perturbado, levanta-se*) Devem ig-
norar sempre! Não sei porque no meio dos meus alegres pensa-
mentos, cercado de toda a grandeza que o mundo inveja, vem a
ideia do passado ennegrecer o presente, e offuscar o futuro?
Será isto o que os homens chamão vulgarmente remorsos? E
ha quem creia nesse monstro imaginario, e que o tema? Feliz-
mente não sou desses que escutão os brados da consciencia,
deixando o coração governar a cabeça. Não, e de tudo quanto

hei praticado, acção alguma me obriga a scismar no arrependimento. *(toca a campainha)* São quasi horas de ir ter com S. Exc. o Sr. ministro, para apresentar-lhe os estatutos do novo banco, e obter de S. Exc. não só o seu apoio, como a maior prestesa neste negocio. *(apparece André)* Quero o carro nobre, com criados de ricas librés á porta do jardim. *(André curva-se e sahe)* Sinto não me ser possível convencer meu filho quanto é vantajoso o partido que lhe offereço! A razão foge-lhe quando lhe fallo nesse casamento projectado por mim, desrespeita-me, e mostra-se pertinaz em encarar o mundo por um prisma, que me incommoda muito. Julguei á principio que elle amava, mas fiz as indagações precisas, e sei que não ama a mulher alguma. Então porque regeita a mão de D. Izabel? da filha do meu melhor amigo, do commendador Epaminondas? Do juiz que é tão estimado por todos?.. Depois de haver concorrido para augmentar a grande fortuna do commendador, com o fim de vir pertencer um dia a meu filho, aconselhando a esse juiz para apossar-se de uma herança que ia pertencer a outros, Alfredo mata-me a esperança de reunir em suas mãos o maior capital possível. D. Izabel é filha unica e a unica herdeira de seu pai. E elle? Elle seria o herdeiro de duas casas! Mas Alfredo não comprehende que a riqueza faz o homem rei, quando este não nasce predistinado para ter na frente uma corôa real. Pertinaz e teimoso vive em minha companhia, como se eu lhe fôra indifferente, como se não fôra seu pai, a quem deve obedecer. O meu passado de 12 annos desarma-me em sua presença, e dá-lhe forças para levantar-se contra o poder paterno. Oh! esse crime olvidado por todos, só elle o sabe, e só elle o pune constantemente! Alfredo, sempre surdo ás minhas supplicas não sente pulsar-lhe no peito um coração de filho! Oh! turvão-se-me as ideias, sinto agudos espinhos rasgar-me o peito, e estrangular-me o coração! *(cahindo na poltrona em que estava sentado)* O que me importa o passado de 12 annos!

SCENA 2.^a

O mesmo e Alfredo.

ALFREDO *(vestido de preto entra da esquerda)*.

Desculpai-me, Sr. Barão, se o vim interromper em seus cal-



culos financeiros; se concorro para errades a conta começada... mas vós estaes perturbado?... O vosso corpo agitado... vossas faces pallidas... o que tendes? Careceis do doutor, ou necessitades de um padre? Do medico do corpo, ou do medico da alma?

BARÃO (erguendo-se, disfarçando o seu estado de agitação).

Nada me incommoda, Alfredo, nada, inteiramente nada. O que pode sentir de mal o rico Barão do Oyapock? Um capitalista como eu, que domina á seu talante nesta côrte por meio do ouro, que é e sempre será o agente mais forte, o meio mais conveniente em todos os negocios?

ALFREDO.

A consciencia desse homem, assim poderoso e rico, pode rebellar-se alguma vez e reprovar-lhe acções que elle tenha por ventura praticado, que o condemnem ao ostracismo dos homens. Assim como os loucos tem intervallos lucidos, pode o ambicioso e rico fidalgo os ter tambem, e nesses poucos instantes fallar-lhe a consciencia, e o remorso torturar-lhe a alma e fazel-a sangrar. Quando, Snr. Barão, vos esqueceis da fortuna, quando deixais de augmentar os algarismos da vossa riqueza, não vos lembrais de nada mais? Não apossa-se de vós uma sombra, se quer, de magoa e de desgosto?

BARÃO.

Que loucura! Alfredo, um só desgosto me magôa hoje.

ALFREDO.

A lembrança daquella noite... talvez... ha 12 annos...

BARÃO.

Nem d'isso me recordava já.

ALFREDO.

Será possível?! Esquecestes tão depressa?

BARÃO.

Acredita, Alfredo, que, só um pesar me acompanha presentemente. É a tua resistencia ao projecto do casamento que hei formado, combinado, e te proposto, mas que tu loucamente continuas a regeitar.

ALFREDO.

Lembro ao Sr. Barão que, annunindo a morar em vosso palacete, e viver debaixo do mesmo tecto em que vive o Sr. Barão, puz as minhas condicções, e que as aceitastes sem restricções. Admiro-me como de tudo se esquece, verdade seja que não tem tempo para lembrar-se de frioleiras como essas, nem para meditar em outra cousa que não seja augmentar os contos de reis, adquiridos....

BARÃO (afflicto).

Alfredo! Alfredo! Oh! tú não sabes respeitar a teu pai.

ALFREDO.

Quando um pai desce a tocar o crime, tem por ventura direito ao respeito de um filho? Meu pai era pobre e honrado, era plebeu, trabalhador e honesto, e vós senhor, sois rico... mas em troca da honra, tendes um título de Barão e os cofres entulhados de ouro. Oh! sois feliz e nobre... meu pai era plebeu e pobre.

BARÃO.

Sempre aspero, como um juiz a condemnar-me! Alfredo, não sejas cruel para com teu pai. Habitas condicionalmente commigo, bem o sei, mas tu tambem deves temer o oprobrio e a deshonra de teu pai. Annuiste aos meus pedidos, e ha dois annos tenho-te em minha companhia, e assim não dando rasão ao publico para penetrar na nossa vida passada e n'ella descobrir...

ALFREDO.

Esse ponto negro que vos tornou milionario!

BARÃO.

Seja. Mas por que regeitas a mão de D. Isabel, da filha do commendador.

ALFREDO.

O que me importa a filha do Sr. Epaninondas?

BARÃO.

Queres que outro possua a fortuna que D. Isabel deve herdar?

ALFREDO.

As fortunas e riquezas de D. Isabel devem ser offerecidas á esses que enchem seus salões de galanteios corrompidos e devassos. Seja esta a ultima vez, Sr. Barão, que me falleis nesse casamento que regeito, se não me quizerdes ver deixar o vosso palacete, e regressar para as aguas furtadas onde morei longos annos entregue a minha liberdade. Despreso estas ostentações que me cercão aqui, e incommodão-me esses cortesões que se aglomerão todos os dias em vossa casa para occuparem-se das banalidades da vida ociosa. Esse plano que combinastes com o vosso amigo Commendador não dará o resultado esperado, mas a culpa é toda vossa, porque contastes com aquelle que ha 12 annos tendes consciencia de ter perdido. Repito-vos, Sr. Barão, que, seja esta a ultima vez que me falleis nesse casamento, quando não, deixarei ao mundo o direito de advinhar o misterio que nos separa e...

BARÃO.

Alfredo! Alfredo! Quererás ser o meu delatôr?

ALFREDO.

Enganai-vos, Sr., eu nada mais farei do que abandonar vossa casa, se me quizerdes persuadir que faço mal em não acceitar a vossa proposta ambiciosa. D. Isabel é nobre e rica, como se diz ser, e nada perderá nesta transação commercial feita por seu pai e pelo Sr. Barão. Os salões de sua casa enchem-

se sempre de adutores parasitas, e seus ouvidos escutão toda a casta de galanteios, alguns bem reprovados pela honestidade. Os pomposos bailes, que seu pai costuma dar, e o luxo que invade a sua morada até ao mais insignificante aposento, são deleites para o seu coração, criado na vaidade de ser grande. E nesses bailes, no meio de espirituosos seductores, embriagada com palavras lisongeiras, a deixa o Sr. commendador e corre a mesa do jogo, para dissipar tudo quanto ganha a custo de lagrimas e desgraças alheias! Nem ao menos enxerga o perigo que corre a filha unica que tem. Não quero fallar de D. Isabel, não; e Deos me deffenda crer a milésima parte do que dizem contra ella... Esses mesmos janotas pretendentes de sua mão são os que mais a desacreditão nas lojas da rua do Ouvidor, entretendo-se por passa-tempo a contarem as victorias adquiridas no coração da filha do commendador Epaniondas. Oito annos morei em uma agôa furtada, aonde me encontrastes depois que regressastes de vossas ultimas viagens á Europa, e como ali só entrava eu e Eduardo, esse escrivão honrado a quem devo o amparo e protecção no tempo do infortunio, nunca me occupei da alta sociedade. Oh! ganhava o pão independente e julgava-me feliz. Aqui, Sr., mal tenho tempo para tirar uma copia de procuração, sou importunado de continuo! Desculpai-me, Sr. Barão, fallar-vos assim tão francamente. Não o teria feito, se não me obrigasses á isso com os vossos projectos financeiros por meio de um consorcio.

BARÃO.

Estais arrependido de haverdes annuido aos meus pedidos, e deixado essa agôa furtada em troca de um palacio?

ALFREDO.

Não me interrogueis, Sr., em cousas que me são difficeis de responder. Resignei-me a viver convosco. vós sabeis, e dissestes ha pouco, que fôra por mim mesmo. Se continuasse a morar em tão pobre habitação o que não diria o publico? O filho do Barão do Oyapock, coberto de andrajos quando seu pai roda em carros nobres e tem lacaios ricamente trajados! Assim dirião todos, não é assim? Este menos prespicaz do que aquelle acreditaria que o filho era indigno de tão nobre pai, aquelle mais atilado do que este podia suspender o véo que oc-

culta a verdade e descobrir esse segredo, que Deos, vós e eu sô sabemos.

BARÃO.

Como tu comprehendes o mundo! A minha riqueza fará callar os mais audazes... e quem se atreveria a chamar-me...

ALFREDO.

Assassino! Ladrão!

BARÃO.

Alfredo! Oh! se nos ouvissem...

ALFREDO.

Tendes razão, estaríamos perdidos. Lembro-vos, Sr. Barão, que o Ministro vos espera, e deveis levar-lhe os estatutos d'esse novo banco, que vos deve dar não pequeno interesse. A fortuna vos eleva, e antes que ella cance, aproveitai-a, por que pôde o diabo descobrir o que occultamos com tanto medo, e com tanta vergonha.

BARÃO.

Quem se atreverá a accusar-me? Ha 12 annos que a justiça julgou Rogero de Souza assassinado e roubado por bandos de malfeitos vindos do Sul, fugidos da guerra civil, que infestavão o interior, matando e saqueando. Fui julgado innocente e arredarão-se de mim todas as suspeitas, quando a policia para entrar no quarto donde Rogero estava morto teve de arrombar a porta que estava fechada por dentro. A janella encontrada aberta e da parte de fóra junto a parede uma escada, signaes de passos que se perdião nas florestas... Oh! tudo! tudo livrou-me das garras da justiça e deu-me a liberdade e a riqueza. Ignoravão todos esse segredo do fogão, e só tú o sabias infelizmente! Dias depois fiz desaparecer o fogão e o segredo. Rico e livre, senti uma alegria sobrenatural ao ver realisados os meus sonhos dourados. Mas o máu fado quiz que o pai, o ladrão, o assassino quando fugia com a riqueza roubada fosse preso, agarrado pelo filho! Tudo isto ha 12 annos foi passado, bem vês que não me esqueço muito, nem mesmo com a lembrança de que hoje vou fundar

um banco, que me deve deixar grandes lucros? (*Familiarizando-se com Alfredo*). E meu filho não perdoaria a seu pai, esquecendo-se das scenas tristes que nos pungem o coração e flagellão o espirito? Oh! Alfredo, tu torturas-me muito; mas eu já me não lembro do que soffri com os teus máos tratos, não; agora sou teu amigo, teu pai.

ALFREDO (*triste*).

Meu pai! Não, ha 12 annos que o perdi. Foi na noite de 24 de....

BARÃO (*confuso*).

Cala-te! Cala-te! Sempre o mesmo! O que sou para ti?

ALFREDO.

O Sr. Barão do Oyapock, um homem outr'ora honrado, ainda que ambicioso, e que hoje, tendo muito, ainda ambiciona mais. Meu pai era honrado e virtuoso, e vós...

BARÃO (*afflicto*).

Silencio! Silencio! Alfredo, queres perder-me? Quererá meu filho levar-me deste palacio ás prisões, e das prisões ao patibulo? Serias o meu algoz, o meu verdugo! Receio diante de ti ver revelado esse crime nefando, que me fez subir na classe social até ao apogêo da felicidade. Oh! Eu me horro-riso diante de ti como se visse ensangnentado o cadaver de Rogero de Sousa (*cahe na poltrona*).

ALFREDO.

Vossos labios no meio do risos se contraem, como se um pensamento negro vos enlutasse o coração; empalidecem-se as vossas faces, como se a morte bafejasse-vos a vida, e tudo passa desappercebido para aquelles que vos adulão. É a nuvem da tempestade que encobre o sol, offuscando-lhe o brilho. É a consciencia que lueta com o coração, e produz esse amortecimento, essa languidez no rosto, que é o espelho da alma. Ainda ha pouco encontrei-vos debaixo d'essa influ-



encia. A crise havia passado, mas deixára apóz si vestígios bem visiveis a meus olhos. Não serão remorsos?

BARÃO.

Oh! tú és o continuo pesadêllo que, acordado ou dormindo, me persegue! És a punição eterna!

ALFREDO.

Assim o quizestes, senhor. Deixei-vos na noite de 24 de Dezembro, nessa noite fatal para Rogero de Souza e para mim, e dois annos administrei a lavoura do Snr. Barão do Tocantins que morreu abençoado por todos. Obrigando as partilhas aos herdeiros dividirem aquelle estabelecimento rendoso, dirigi-me a côrte e habitei n'essa trapeira que deixei para acompanhar-vos. Tinha eu adquirido um amigo, era Eduardo, e isso devo ao accaso. Um carro teria esmagado seu filhinho, se eu não o salvasse correndo o perigo de ser pisado pelos cavalloos fogosos, que corrião desenfreados e sem governo. Eduardo que vio a minha acção, tornou-me em seu cartorio, e assim pagava a dívida que contraira commigo. Ouvi então fallar de vós, como de um homem muito rico, e senhor de contos e contos de reis... Assim como fostes feliz na introdução do dinheiro, fostes igualmente no trafico de africanos, e voltastes da Europa, por que o Governo Britannico obrigou o ão Brasil a reprimir esse contrabando, que a filantropia inglesa não pôde permittir. Hoje os vossos capitaes servem para fundardes bancos, e serdes Sr. Barão, por que infelizmente as graças no meu paiz, muitas vezes vendem-se, e vós comprastes esse titulo, para não usardes o nome de Manoel Joaquim dos Santos, que soava mal e fazia pouco vulto. Verdade seja que tendes com muita honra e probidade adquirido tudo isso. A policia cega. como a justiça, nada pode descobrir, pois tinheis a protecção do governo, cujos agentes associaveis no trafico... Desculpai-me incommodar-vos, Sr. Barão, outros soffrerão mais, e o paiz tora afrontado pelo cruzeiro inglez que levou a sua arrogancia ao ponto de incendiar as barcas negreiras, que aprisionava, por baixo das baterias das nossas fortalezas. Mas vós não ereis a patria ultrajada, e a patria não vale para vós o interesse que tinheis no commercio do trafico, nem para os vossos co-rêos em tão vil commercio.

SCENA 3.^a

Ditos, André e Thomaz.

ANDRÉ.

Meu senhor, este homem o procura (*mostra Thomaz*).

BARÃO (*para Thomaz*).

O que pretendeis?

THOMAZ.

Ha quantos annos não os via! São elles!

BARÃO (*á parte*).

Quem será este importuno?

THOMAZ.

Desculpai-me se os vim interromper. . .

BARÃO.

Conversavamos em negocios.

THOMAZ.

O Sr. Barão contava a seu filho os milhares de contos que tem. . .

ALFREDO.

Recordo-me ter vos visto já, mas ignoro o lugar.

THOMAZ.

Na estalagem da Raiz da Serra, naquella noite em que estando hospedados em casa do Sr. Manoel Joaquim, assassinarão o homem que acompanhávamos, o Sr. Rogero de Sousa. Eu era um daquelles a quem o Sr. Manoel Joaquim dos Santos deu nessa noite um vinho tarragona, que era o melhor de sua estalagem... digo, hotel, como entao queria que se chamasse a sua casa. Oh! que bello tempo aquelle para nós, os pobres, mas para o Sr. Barão o tempo de hoje é muito melhor, não é assim?

ALFREDO.

Recordo-me agora; ereis um dos famulos do Sr. Rogerio de Souza... (*carregando no nome de Rogerio de Souza*).

BARÃO (*aparte*).

Que martyrio! (*alto*) O que pretende o senhor...

THOMAZ.

Thomaz Mangureira, um creado do Sr. Barão. Vim aqui fiado nos conhecimentos antigos, e como as amizades velhas são as mais valiosas, recorri ao Sr. Barão, tendo vindo a côrte, afim de obter do Exm.^o Ministro um emprego qualquer... Avista da grande nomeada que tem por toda parte o Sr. Barão do Oyapoch...

BARÃO.

Quer ser vadio?

THOMAZ.

Oh! quero ser empregado publico.

BARÃO.

É o mesmo.

THOMAZ.

O que diz, Sr. Barão?

BARÃO.

Que o trabalho enriquece o homem... E não vejo empregados publicos que honradamente enriqueçam.

ALFREDO.

O trabalho elevou o Sr. Barão...

THOMAZ.

A vosso pai...

ALFREDO.

Attendei ao que vos vai dizer o Sr. Oyapoch.

THOMAZ.

Eu o escuto.

BARÃO.

Meu caro, tenho reflectido; não lhe posso ser util.

THOMAZ.

O Sr. Manoel Joaquim recusa servir a um conhecido velho!

ALFREDO.

Esqueceste que fallais a um Barão?

THOMAZ.

Perdão... perdão... Desculpe-me o Sr. Barão e o Sr. Al-

fredo, eu morro de fome, não tenho mais em que trabalhar. Ha 12 annos servia de guia aos viajantes nos reconcados do Rio de Janeiro, mas hoje são tantos os hoteis, as estradas estão boas e os caminhos são conhecidos, que já se anda por todo interior sem carecer de quem ensine. Vinha supplicar ao Sr. Barão este favor, escudado no nosso conhecimento antigo, e, ai! de mim, estou perdido... sem esperanças.

ALFREDO.

O Sr. Barão, avista das recordações do passado, vos deve proteger no presente.

BARÃO.

Sr. Thomaz Mangureira, ide pedir a outro; não vos posso servir agora. Occupo os Ministros em negocios importantes e não em insignificancias de tal ordem, como esse negocio que vos trouxe aqui. Ide, e despensai-me de novos incommodos.

THOMAZ.

Meu Deos! Despedido pelo Sr. Manoel Joaquim! Houve tempo em que pedia-nos a hospedar os viajantes que conduziamos, em sua estalagem... digo, em seu hotel, como elle chamava, e hoje? Hoje expulsa-me de seu palacio.

ALFREDO.

Sr. Barão, este pobre homem agora é que aprende a conhecer as vicissitudes da vida, quando eu tenho estudado a conhecer os homens e as cousas ha tantos annos!

THOMAZ (ao Barão com ar supplicante).

Sr. Barão...

BARÃO (para André).

Fizestes o que determinei?

ANDRÉ.

O carro espera á porta do jardim por meu senhor.

BARÃO.

Depressa, André, mandastès executar as minhas ordens. És uma perola, se é que existem perolas negras.

ANDRÉ.

Sirvo a meu senhor, e procuro sempre satisfazel-o, como é o meu dever.

BARÃO (para André).

E com isso ganhas e não perdes, por que sabes que te deixo forro em meu testamento (*para Alfredo*) Serás o meu herdeiro, possuirás toda a minha riqueza, mas desculpa-me tirar da escravidão o meu bom André.

ANDRÉ (*á parte*).

Livre! a liberdade! Será possível! (*alto*) Meu senhor, André é feliz sendo estimado por vós, e essa liberdade...

BARÃO.

Alegra-te o coração e sentes-te repleto de praser? Já fiz o meu testamento, André, e nelle deixo-te essa liberdade que te deve ser cara, mas deves saber que para adqueril-a é necessario que teu senhor morra? És feliz como meu escravo, sei d'isso. e quantos homens livres não invejarião o teu lugar? Esse Domingos que mandei castigar não te sabe imitar.

ANDRÉ.

Domingos ignorava o poder que tem um senhor sobre seu escravo, mas eu sei o que devo a meu senhor.

BARÃO.

Tu não o imitarás, não é assim?

ANDRÉ.

Nunca, meu senhor, porque o meu sangue, minha vida pertencem-vos.

BARÃO (para André).

Assim penso eu. Segue-me. (para Alfredo) Espero que modifies teu pensar sobre o negocio que propuz. (para Thomaz) Se pensastes obter um meio de ganhar dinheiro na ociosidade, arranjando um emprego publico, e para isso invocastes o passado julgando que eu vos protegeria, enganaste-vos, meu caro. Eu aborreço o meu passado, não posso por isso estimar aquelles que tomarão parte nelle, a excepção de meu filho. Esqueci-me desse tempo que invocastes, e vos declaro que não estou resolvido a supportar por mais vezes a vossa presença, Sr. Thomaz. (Sahe para os aposentos da direita com André).

SCENA 4.^a

Alfredo e Thomaz.

THOMAZ.

Oh! resta-me o suicidio!

ALFREDO (dando-lhe uma bolsa).

Não, resta-vos a resignação.

THOMAZ (recebendo a bolsa).

Ainda sois o mesmo! Bom e caridoso. Oh! toda a Raiz da Serra ainda ouve e repete o vosso nome com respeito e amor.

ALFREDO.

Devião ter-me esquecido.

THOMAZ.

Esquecer o sol que nos aquece e alumia, a agoa que nos mata a sede e refresca, a terra que nos sustem e sobre a qual vivemos, é impossivel, Sr. Alfredo! Como quereis que não sejais lembrado?

ALFREDO.

Meu amigo, voltai para o interior. Não espereis no meio destes egoistas que povoão o municipio neutro a menor proteção, que vos livre da miseria em que estaes. Ide e quando encontrardes os vossos companheiros da aldeia, pedi-lhe em nome de Alfredo dos Santos, que não se esqueçam do trabalho honroso que traz os meios de subsistencia.

THOMAZ.

Oh! vós trabalhaveis muito.

ALFREDO.

E ganhava pouco, mas era feliz.

THOMAZ.

Feliz sois agora.

ALFREDO.

Cale-se, meu amigo. Não inveje a felicidade alheia.

THOMAZ.

Mas sois ou não feliz?

ALFREDO.

Oh! o que entendeis por felicidade?

THOMAZ.

A riqueza...

ALFREDO.

A riqueza!

THOMAZ.

Sim. O dinheiro.

ALFREDO.

E a consciencia alterada, o socego de espirito não valem nada para vós?

THOMAZ.

O socego de espirito...

ALFREDO.

Serieis feliz se obtivesses montes de ouro, adquirido pelo roubo, pelo crime? Serieis feliz, se para serdes rico empobrecesseis... Oh! não penseis em obter o dinheiro por tal forma. Ide, ide meu amigo. Não invejeis os milhões de pessoa alguma, e aconselhai aos vossos amigos que cavem a terra; que arrecadem os seus productos, o fructo do seu trabalho; que ganhem com o suor do rosto o pão e a felicidade...

THOMAZ.

Que linguagem!

ALFREDO.

É a de um homem de bem.

THOMAZ.

Sr. Alfredo, ainda sois o mesmo.

ALFREDO.

Querieis me ver mudado?

THOMAZ.

O Sr. Manoel Joaquim mudou muito.

ALFREDO.

Prohibo-vos de fallar do Sr. Barão do Oyapock.

THOMAZ.

Respeito a vosso pai...

ALFREDO (*aparte*).

Meu pai! (*alto*) Sr. Thomaz, adeus.

THOMAZ.

Levo os vossos conselhos aos nossos amigos do interior, e agradeço a lição que me deu a necessidade, conduzindo-me a casa do Sr. Barão.

ALFREDO.

Adeus, Sr. Thomaz.

THOMAZ.

Adeus, Sr. Alfredo. Moro ainda em Nova-Friburgo. Se carecerdes de Thomaz Mangueira ali, como em toda parte, elle estará às vossas ordens.

ALFREDO.

Obrigado.

THOMAZ (recordando-se).

Esquecia-me dizer-vos: a estalagem que pertencera a vosso pai foi devorada pelas chamas, e reduzida a um montão de ruínas! Sabeis o que pela villa se falla? E' que foi a alma de Rogero de Souza... do assassinado... mas isso faz rir os mais entendidos, porque os mortos não voltão mais ao mundo que deixarão.

ALFREDO,

Oh! adeos, Sr. Thomaz.

THOMAZ.

Adeos, Sr. Alfredo. (*Sahe*).

ALFREDO.

A presença do Barão incommoda-me, e mais ainda o viver com elle. Julga que me deyo curvar aos seus interesses, como esse escravo que o serve. Que devo obedecel-o como André, que teme o mesmo fim do infeliz Domingos, esta manhã punido com tanto rigor! Pobre homem! O ouro o cegou na pobreza, o ouro o perde quando já é rico. Casar-me! Insensato! Senhor de uns poucos de mil contos, ainda sonha com riquezas! A riqueza que tem não lhe pertence, só lhe pertence o crime. (*Senta-se pensativo*) Elle é meu pai! meu pai! Quanto me custa a supportar esta vida!... Quem será que para esta sala se dirige? Não estou de humor para atturar a esses fidalgos vadios que só occupão-se da vida alheia.

SCENA 5.^a

Alfredo e Eduardo.

EDUARDO.

Felizmente encontrei-te, meu Alfredo.

ALFREDO (levantando-se).

Ah! és tu, Eduardo! Algum traslado de escriptura trouxe-te aqui? Procuras-me com tanta anciedade que temo não estejas tranquillo em casa do Sr. Barão do Oyapock.

EDUARDO.

Tenho notado que sendo o Sr. Barão teu pai, como tal nunca o trataes.

ALFREDO.

É mais uma hypocresia usada entre os ricos e nobres. O tratamento de pai é vulgar e por demais plebeu, e os fidalgos gostão mais de serem tratados pelos seus titulos, embora comprados, pois são melhor em seus ouvidos. Este habito de nobresa adquiri aqui, eis porque me ouves só chamar ao Sr. Manoel Joaquim dos Santos, pelo Sr. Barão... Eduardo, o cinismo habita nestes palacios.... aqui tudo é...

EDUARDO.

Quero crer que sejam essas as razões e nem me compete duvidar. Eu não procurei-te para saber isso, e sim para fallar-te de um negocio serio, meu Alfredo. Sabes que sou teu amigo?

ALFREDO.

E já dei-te provas de não crer na tua amisade, que me honra tanto?

EDUARDO.

Graças á Deos, não, e supponho que nunca as darás.

ALFREDO.

Então eu te escuto, *(dá uma cadeira a Eduardo que se senta, e senta-se perto d'elle)*. Falla.

EDUARDO.

Hontem esperei-te no cartorio e não appareceste. A tua ausencia deu lugar a que o meu escrevente Emilio soltasse a lingua a teu respeito. Reprehendi-o... como deves crer, e elle retirou-se dizendo-me: «O Sr. Eduardo não sabe que o Sr. Alfredo vai casar?» Não lhe respondi. «Pois casa com a filha do Commendador Epaninondas, tornou-me elle». Perdi a cabeça, e uma especie de vertigem senti logo. Esperei por ti, não appareceste, adiei para hoje conversar contigo, e saber de ti mesmo se era verdade ou mentira esse casamento. Temi encontrar em ti um desses homens vulgares, que, cedendo ao desejo de ambição, se ia ligar com uma mulher, filha de um falsificador de testamento, de um juiz venal, de um infame...

ALFREDO.

Falsificador de testamento!

EDUARDO.

Sim. Tenho em minhas mãos as provas d'esse crime, que o pôde levar a correição. Era Epaninondas o amigo de um bom velho rico, chamado Sebastião da Silva, que nas mãos de um irmão no Rio Grande tinha o seu testamento. E quando Sebastião da Silva morreu, o commendador falsificara o testamento ficando sua filha a herdeira, o que fez ajudado por um escrivão, que morrera depois, e cujo lugar interinamente substitui. Esses documentos encontrei nas gavetas secretas d'esse escrivão, e são as provas do crime do commendador Epaninondas. Um testamento falso deixou na miseria o verdadeiro herdeiro, o irmão de Sebastião da Silva, velho empregado publico do Rio Grande do Sul, que morrera aqui quando teve o desengano de que estava roubado, e que ficara pobre!

ALFREDO.

E tens esses papeis?

ro do Castello sobre os peitos com essa noticia, mas tu és sempre o mesmo homem de bem.

ALFREDO.

Julgas, Eduardo, que não sei da vida do commendador? É um juiz venal, de um character infame, e de um genio perdulario, que a custa de bailes dados aos magnates da terra, pretende alcançar o titulo de Barão. A sua fortuna delapidada pelas extravagancias de fidalgo, o obriga a recorrer aos agiotas com emprestimos pesados, a fim de satisfazer as exigencias de sua alta posição social. Essa riqueza evaporou-se como o vapor do Champagne com que alimenta os libertinos seus amigos nas festas de sua casa. Seus bens estão hypothecados a esses mesmos usurarios. Oh! mas isto é louvavei em um homem que tem nas veias o sangue azul dos fidalgos do meu paiz. Descançá. meu bom amigo, que com o ouro do Barão do Oyapock não hade o commendador Epaninondas saldar a quebra de sua fortuna esbanjada.

EDUARDO.

Obrigado! obrigado! Vou contente. Conta sempre com Eduardo, o teu amigo velho. Adeos.

ALFREDO.

Adeos.

EDUARDO.

Vais hoje ao cartorio.

ALFREDO.

Talvez. Tenho prompts aquelles autos para residirdes, se apparecer-te, tudo te direi do que houver occorrido. Autoriso-te a dizeres ao escrevente Emilio que elle enganou-se a meu respeito.

EDUARDO.

Desmentirei esse boato falso, que corre por toda a parte.

SCENA 6.^a

ALFREDO.

Eis um amigo como poucos se podem contar. Verdadeiro, sem fingimento; sincero, sem hypocresia; servical, sem ambição. Eduardo sentia mais a minha união com D. Isabel, do que a minha morte. E eu não lhe poder dizer o quanto soffro! Não ter a liberdade de desabafar este coração opprimido ha tantos annos. Eduardo ignorará sempre o que tanto me martyrisa, e que em mim ceifou toda a felicidade da terra (*senta-se*). E o que será feito da viuva e filha de Rogero de Souza? Soffrerão ellas mais do que eu? Não, não! Se luctão com a miseria, se mendigão de porta em porta a esmolla da caridade, não se envergonharão certamente de si mesmas, não terão horror e remorsos, recordando-se do passado. Se eu as encontrasse, se um dia lhes podesse dizer—sois ricas!... Oh! deixará Deos por muito tempo essas infelizes despojadas de suas riquezas? Ainda poderei dar-lhes o que lhes roubarão assassinando aquelle que lhes era mais caro. Ignorei algum tempo o que fôra feito d'ellas. Deixarão a cõrte alguns dias depois da morte de Rogero de Souza, para irem viver no Rio Grande do Sul com o velho pai da esposa de Rogero. Para ali tenho dirigido secretamente diversas quantias a ellas... Oh! que não me condemnem, que não sou culpado. (*Fôra de si*) Eu não o matei! O filho não deve ser algoz d'aquelle que lhe deu o ser. (*Fica recostado na mesa*) Seria um monstro!

SCENA 7.^a

Alfredo e Eduardo.

EDUARDO (*parando a porta admirado de ver Alfredo em triste posição, falla, áparte*).

Ali existe um segredo pungente que não me pode contar. (*alto*) Alfredo o que tens?

ALFREDO.

Voltaste?

EDUARDO.

Não me é permitido fallar-te todas as vezes que me aprouver, ou incommodo-te?

ALFREDO.

Oh! bem sabes que és o unico amigo que tenho.

EDUARDO.

E com tudo pouco confias em mim.

ALFREDO.

O que dizes? Eduardo, como me julgas mal!

EDUARDO.

Mas tu tens um segredo que té magôa, e não me deixas partilhar contigo os seus effeitos. Es infeliz, e não me dizes o que te faz desgraçado assim; vives soffrendo de continuo, e és tão egoista que queres soffrer calado.

ALFREDO.

O homem é as vezes um mysterio que esconde em si o que elle mais quizera dizer a todos. O homem não se satisfaz um só momento, sendo em tudo satisfeito pela fortuna, ou pelo accaso. Os seus desejos se amontoão a proporção que se vão realisando, e nunca ouvirás de homem algum estas phrases—sou feliz.

EDUARDO.

Respeito a tua desgraça, e a causa della não quero saber. Admiras-te de me veres voltar. Pois bem, sahindo d'aqui fui reflectindo no que te havia dito, e não me recordei de te haver feito um pedido.

ALFREDO.

Explica-te.

EDUARDO.

Disse-te ha pouco que tinha provas que podião perder o

commendador Epaninondas, como falsificador de um testamento, e venho supplicar-te, exigir de ti a tua palavra de honra como guardarás segredo á esse respeito, como não dirás a pessoa alguma, nem mesmo em tua defesa.

ALFREDO.

Esse segredo morrerá commigo, como acabas de exigir, e se a minha vida dependesse de divulgá-lo morreria antes.

EDUARDO.

É quanto basta. Agora, apparece, distrahe-te, e esquece-te de tudo que te entristece, pois devisa-se em teu rosto...

ALFREDO.

Destroços de uma mocidade acabada quando nascia. É assim. Habituei-me á desgraça, já não a extranho. Fui feliz quando era pobre, quando agarrado a charrua ou ao arado, banhado em suor, ganhava o meio de viver honradamente. Hoje que me vejo na opulencia, ah! sou bem desgraçado. Mas acredita que sou o mesmo homem de bem.

EDUARDO.

Porem, antes da chegada de teu pai, da Europa, moravas mais alegre em uma trapeira, e eras mais jovial. Pelo menos algumas vezes vi o sorriso roçar-te pelos labios.

ALFREDO.

Se algum dia me viste sorrir, acredita, Eduardo, que era o riso ironico que me contrahia os labios. Era o riso sardonico, esse rir amarello, que os poetas interpretão como desgraçado e delirante, e não o riso do praser, pois esse desconheço ha 12 annos. Eduardo, sabes do meu genio e quanto elle é opposto as latitudes deste mundo de lagrimas. Pois bem, hei-de ser rico, grande... Vê como essa riqueza deve tornar-se maior para o herdeiro do Barão do Oyapock (*mostrando os Estatutos do Banco*). São os estatutos de um novo banco que os milionarios desta cõrte vão crear, para arran-

carem aos pobres o fructo do seu trabalho adquirido com tantos suores e fadigas. São os philantropicos capitalistas que para protegerem o proximo vão estabelecer um novo banco. Amanhã verás com que frenesi hão de ser procuradas as accões. A febre chegará a enlouquecer a muitos jogadores que hão-de perder nas paradas e os necios serão roubados sem sentirem.

EDUARDO.

Sinto passos (*examina á scena*). É teu pai que se dirige para cá.

ALFREDO.

Vamos para o meu quarto.

EDUARDO.

Não, tenho obrigações a cumprir. Parto certo de que em ti tenho o meu segredo bem guardado, e como teu pai não gosta de mim, furto-me de encontral-o.

ALFREDO (*acompanhando-o*).

És um homem de bem, elle não te deve estimar.

EDUARDO.

Adeos (*sahe*).

ALFREDO (*sahindo com Eduardo*).

Adeos. Confia em mim...

SCENA 8.^a

BARÃO (*vendo Eduardo e Alfredo sahirem*).

O Sr. Eduardo e Alfredo! Este Eduardo é a ave de rapina esvoaçando sobre a carniça! Fareja a futura riqueza de meu filho, e sem duvida é o seu máo conselheiro, o causador de serem os meus planos burlados. Ah! meu perdigueiro que a lebre te ha-de escapar. Não sabes que sou apto em manejar toda e qualquer arma, por mais infame que seja? Contas com

o dinheiro que hei ganho com tantos sacrificios? Enganas-te, por que antes de o possuíres, te farei não te metteres mais com pessoas da minha posição. Este Sr. Eduardo é escrivão dos residuos e capellas, sujeito a jurisdição do Commendador Epaninondas, que como juiz, póde e deve suspendel-o e exigir sua demissão. O Commendador não me deve negar este favor, quando souber o fim para que é, e S. Exc. o Sr. Ministro da Justiça será facil em annuir aos meus pedidos. Oh! dar-te-hei o castigo que mereces, meu escrivão das duzias. Preciso deixar ordem ao enfermeiro para cuidar do Domingos, para que nada lhe falte a ver se não morre (*vae para o interior a esquerda*).

SCENA 9.^a

DR. CAMILO.

Tudo deserto! Não estará em casa o Sr. Barão? Triste vida é a do medico! Um charlatão com seus annuncios, escriptos com letras garrafaes, offerecendo aos incautos remedios infalliveis para todas as molestias, mal deixa ao bom medico alguns doentes. Não me importo com esses charlatães, graças a Deos tenho boa clinica e partidos vantajosos. O Sr. Barão é quem melhor me paga, mas quantas victimas do rigor do castigo não tenho encoberto com os meus attestados? A policia acredita n'elles; a justiça traz os olhos tapados, não os vê, e o cadaver serve de pasto aos vermes. No entanto o Sr. Barão folga sempre. Elle ahi vem.

SCENA 10.^a

Dr. Camilo e Barão.

BARÃO.

À estas horas, Dr., não é vosso costume visitar os meus doentes...

DOUTOR.

Sr. Barão, sahi pela manhã bem cuidadoso. Não fui muito contente com o estado do seu negro Domingos. O chicote fez chagas profundas, e estas apresentam caracteres máos, acompanhadas de certo suor frio e tremor de corpo, que annuncião convulsões proximas, ou a gangrena pronunciada e incuravel. Venho ver se posso salvar essa vida, e com os novos remedios que hei-de applicar talvez consiga libertal-o da morte.

BARÃO.

Vale a pena, Dr., Domingos é um escravo Mina de muito valor, e que se não fosse respondão quando se lhe ralha, não estaria em perigo agora, porque deixaria de ser castigado. Mas vós esta manhã não me dissestes que um tal perigo...

DOUTOR.

Não vos quiz incommodar.

BARÃO.

Dr., espero que com este façais o mesmo que já tendes practicado com alguns que, rigosamente punidos, a morte tem levado.

DOUTOR.

Confiai em mim. Darei mais este attestado e seja o ultimo. O Sr. Barão não mandará açoitar mais...

BARÃO.

Supponho, Dr., que não querereis governar a minha propriedade. Os vossos attestados salvão a minha reputação, e julgo que vos dão reputação tambem, por que sois o medico de partido do Barão do Oyapock.

DOUTOR.

Ah! Sr. Barão, não leveis a mal uma observação feita, não com o character official, e sim amigavelmente. Deveis confiar no medico, e nos seus bons serviços.

BARÃO.

Ide, Dr., que esse escravo vale dois contos de reis.

DOUTOR.

Talvez chegue tarde (*sahe pela esquerda*).

SCENA 11.^a

BARÃO (*chegando para o quarto*).

André! André (*André apparece com o chapeo do Barão nas mãos*). Ah! dá-me, já se vae fazendo tarde. Acompanha o Dr. que vai ver Domingos, e não o deixes sahir sem passar o attestado de que morreu de... de tudo que elle quizer, menos surrado. (*André parte*) O Sr. Ministro deve estar esperando por mim, e quem espera desespera, mas que tenha paciencia. Dar-lhe-hei algumas desculpas, e elle as receberá. (*Cobre-se e vae sahir*) Oh! quantos lucros prevejo neste novo banco.

SCENA 12.^a

Barão, Elysia, Rosa e Alfredo.

ALFREDO.

Entraí, minhas senhoras, que não tereis mais guarda-portão que vos maltrate. Felizmente ahi tendes o Sr. Barão.

BARÃO (*preparado para sahir*).

Tenho pressa... mas o que querem essas mulheres?

ELYSIA.

Ah! senhor, viemos para alugar as vossas pequenas casas da rua do Hospicio, que estão com escriptos.

ROSA (á parte, olhando para Alfredo).

Quem será este homem, cuja voz ferio-me tanto n'alma?
Sinto já por elle toda a afeição!

BARÃO.

Alugo, sim, mas de que vive a senhora? Tem fortuna, ou apenas ganhos....

ELYSIA.

Temos o ganho mesquinho que nos deixa o trabalho, mas esse é justo e honesto, porque, Sr. Barão, trabalhamos muito, ainda que ganhamos pouco.

ALFREDO (á parte observando Rosa).

Como é bella esta menina! É um anjo!

ELYSIA.

Ah! Sr. Barão, se V. Ex.^a me alugasse essa casa.

BARÃO.

Já sei, já sei, trabalhareis mais, não? Eu quando fui rapaz dei sempre o que fazer ás mulheres de vossa condicção.

ELYSIA.

O que dizeis senhor? Acaso julgais que viemos receber insultos?

BARÃO.

Ora não se faça de manto de seda. A senhora quer alugar as minhas casas, por supposição de que....

ROSA (indignada).

Quem authorisou o Sr. Barão a maltratar-nos?

ALFREDO (á parte).

Que dignidade!

BARÃO.

Faz bem em se tornar arrogante, e fallar assim, minba bella pequerrucha, porque tendes uns olhos.... Ah! que se estivesse ainda pelos..... Mas esse tempo já lá vai.

ALFREDO (*á parte*).

Quanta insolencia! (*alto*) Snr. Barão, observe-vos que fazeis corar a estas infelizes senhoras, que só querem alugar-vos um predio. Aproveito a occasião para lembrar-vos que deveis ser indulgente para com ellas em attenção a mim. São pobres e os pobres partilhão os meus beneficios.

BARÃO.

Eu sei lidar com esta casta de gente. Ao principio são umas Vestaes, e depois é o reverso da medalha. Acostumei-me em Paris a lidar com esta laia de Venus, não sou caloiro, já tenho cabellos brancos como a neve.

ELYSIA.

O Sr. Barão aluga a sua casa da rua do Hospicio?

BARÃO.

Sim, que para isso mandei por-lhes grandes escriptos, nos quaes se lê em letras bem visiveis que o Barão do Oyapock é o dono, e que as aluga. Quem no Rio de Janeiro não conhece o Barão do Oyapock?

ELYSIA.

Pois bem, Sr. Barão, ficarei com a vossa casa se não exigirdes muito por ella.

BARÃO.

Previno-vos que tenho condições a pôr, alem do preço.

ELYSIA.

Fallai. Eu as acceito todas. (*á parte*) Será por pouco tempo.

BARÃO.

Quero 20\$000 mensaes, e fiador pelos alugueis.

ELYSIA.

Meu Deos!

ROSA.

Minha Mãi!

ELYSIA.

Esquecia-me filha que os pobres carecem dar fiadores!
Oh! como somos desgraçadas!

ROSA.

Sr. Barão, não temos fiadores a offerecer-vos; somos duas pobres senhoras, a quem a má sorte tem levado até a miseria. Oh! mas vós sois rico, sois grande, nada perdeis em fiar-vos na palavra de duas infelizes. Nós vos pagaremos, senhor, esse aluguel da casa, embora trabalhemos noite e dia. Sirva-vos de garante a nossa probidade.

BARÃO.

Adeos, minha bella, ide bater a outra porta. Não vos alugo a casa sem fiador. Lagrimas não pagão dividas. Que labias tem ella!

ROSA.

Tendes rasão, Sr. Barão, duas infelizes não vos podem prometter mais que lagrimas de amargura, e essas não vos satisfazem. Oh! custei a vencer a repugnancia que tive de entrar em vosso palacio, mas a necessidade de mudar-nos hoje mesmo, venceu a meu pesar, e arrastada cedi a miseria que impera ainda sobre nós. Recebidas pelo vosso guarda-portão, como o fomos por V. Exe., teriamos deixado de o importunar, se este senhor (*mostra Alfredo*) não apparecesse e reprehendesse o guarda portão, como reprehenderia ao Sr. Barão, se não nos respeitasseis... É um optimo discipulo vosso o homem que escolhestes para tomar conta da entrada da vossa casa.

BARÃO.

Sois espirituosa, minha deidade. Na verdade que a belleza da camelia é inferior a vossa.

ALFREDO (*á parte*).

Era capaz de jurar que já amo esta menina !

BARÃO.

Por que não ides, minha pequena, ser florista nas lojas da rua do Ouvidor? Serieis melhor chamaris do que aquelle grande caboclo ou cacique de que se serve uma das proprietarias para chamar os fregueses. Cuidado que o tempo vòa, e a mocidade é como a flor, brilha muito e dura pouco. Na vossa idade tudo se consegue. Como sois geitosa e bella, e tendes uns olhos matadores e travessos que exprimem tudo n'um só olhar, poderieis ser feliz e adquirir mais freguezes a M.^{me} Finet. Alem de que não perderieis o vosso tempo.

ELYSIA.

Respeitai esta innocente, senhor. Alugais...

ROSA.

O halito empestado da serpente não chegará até a mim. Sr. Barão, não me alugae a vossa casa sem fiador, estais no vosso direito, mas insultares quem em nada vos offendeu, isso é infame. Ultrajar duas pobres senhoras em sua casa é cobardia, é miseria! Sr. Barão, nós vos despresamos assim como a essas offensas que nos quizestes lançar enlameando-nos com as miserias que vos cobrem.

BARÃO.

Infeliz, atreves-te a offender-me?

ROSA.

Não vos temo, senhor. Sois rico, sois egoista, e os egoistas

são como os cofres dos avarentos, que não servem sem interesse.

ALFREDO (*á parte*).

Creatura divina! Quanto a amo!

BARÃO.

Não sabes o poder que tenho?

ROSA.

Acima de vós ainda tem os pobres quem por elles cuida.

BARÃO.

Quem é esse ente para quem appellais?

ROSA.

Deos.

BARÃO.

Deos! Ah! julgaes que Deos se occupa com insignificancias cá da terra? Minha bella, Deos não se incommoda por bagatellas. Invocaes mal o seu soccorro.

ROSA.

E com tudo elle quiz que vos conhecesse em pessoa, como conheciamos vosso nome; admirasse a vossa malidecencia, como vós admiraes a minha audacia. O vosso nome tem sido espalhado por toda a parte e a par d'elle os vossos feitos, senhor. Oh! não vos conhecia ainda, mas á vista destas tapeçarias manchadas de sangue, que adornão o vosso palacio, e que deixão atravez de sua espessura enxergar-se os cadaveres de tantas victimas arrebatadas de sua patria para serem mercadejadas em terra extranha como miseros escravos... Os vossos moveis embutidos com os ossos desses infelizes, esta riqueza fabulosamente adquirida... tudo era bastante para descobrir-vos, denunciar-vos, Sr. Barão do Oyapock! Para subirdes tendes feito descer muitos; para serdes rico, tendes empobrecido a outros. O alvo de vossas ambiciosas

intenções, é o ouro; os meios para adquiril-os, sejam quaes forem, ainda os mais ignobeis... É assim que falla a virtude diante do crime, a innocencia em frente do culpado.

ALFREDO (á parte).

Meu Deos! Quem será esta mulher encantadora, e tão nobre?

BARÃO.

Continuai, experimentai até aonde chega a minha paciencia. Mas não vos queixeis, quando tirar a minha desforra.

ROSA.

Não vos temo, senhor, e se me quereis ouvir dizei-me: Quantas lagrimas e dores não tendes causado as victimas que sacrificastes para serdes rico?... Se a grandesa é assim, se para pisar macios tapetes, respirar o ambiente das flores, é necessario calcar aos pés a consciencia, ser surdo a razão, e cego a justiça, essa felicidade é uma infamia, essa grandesa uma miseria que a virtude despreza e detesta com dignidade.

BARÃO.

Fraca mulher, esqueces-te que fallas ao Barão do Oyapock? Não sabes que os proprios Ministros não ousão erguer a voz para affrontar o meu poder? Esqueces-te que...

ROSA.

De tudo esqueci-me, só para lembrar-me que o ar de vossas nobres e ricas salas asphixião a nobresa d'alma, disvertuão aquellas que innocentemente penetrão aqui. Nesta casa não se respira senão vapores condensados de milhares de suspiros arrancados do peito d'aquelles que, roubabos do seio dos seus, conduzistes para longe de suas terras e vendestes em leilões mercantis. Esta athmosphera que respirais, Sr. Barão, está carregada de perigosos miasmas, e nella só podem viver esses cortesões que vos adulão sempre que de vós esperão a paga de suas baixesas. Admiravos, Sr. Barão, que uma debil e fraca menina vos diga

face a face as verdades que todo o mundo sabe, mas que não se atrevem a dizer-vos!... Sois rico! Tudo podeis. A vossa cabeça não pensa, obdece o coração, e esse tendes de rijo marmore. Pois bem, ante vós curvão-se os potentados da terra, entretanto uma humilde creatura vos diz a verdade sem rebuço!! (*para Alfredo*). Senhor, a vós devemos o receber mais uma lição de etiqueta titular, mais um dissabor a que a pobreza se expõe á todos os instantes; mas não vos quero mal por isso! Livrastes-nos do guarda portão que nos maltratava como... como seu amo o fez. Esse ente desprezível estava muito baixo para que me deixasse chegar a elle, mas o Sr. Barão, altamente collocado, não podia sahir impunemente como o seu guarda portão. Desculpai-me, e não me tenhais odio.

ALFREDO.

Senhora, dissestes tanto ao Sr. Barão, que nada me deixastes para empregar em vossa defesa. Se acaso o Sr. Barão foi pouco indulgente para comvosco, não me julgueis de igual tempera, porque vós me interessastes muito, e não tenho por costume os modos dos fidalgos.

BARÃO.

Oh! insultado em meu proprio palacio! Eu me vingarei.

ELYSIA (*para o Barão*).

Senhor, desculpai minha filha, ella excedeu-se, não a queirais mal por isso.

BARÃO.

Sahi. André ou André (*chamando*).

ELYSIA.

Que pretendeis fazer?

BARÃO.

Eu já vos mostro. André!

SCENA 13.^a

Ditos e André.

ANDRÉ.

Meu senhor.

BARÃO.

Arrasta estas mulheres, lança-as na rua.

ROSA.

Cobarde! Affrontais duas fracas mulheres, mas Deos nos hade vingar. Um dia sereis punido.

BARÃO (*gritando para André*).

Não ouves? (*André derige-se para as duas senhoras, Alfredo as ãeffende*).

ALFREDO.

Retira-te, escravo, que a acção que tentas praticar é menos vil do que a ordem que recebestes. Sr. Barão, é singular o modo porque recebeis estas duas senhoras cuja pobreza torna insuportaveis aos vossos olhos. Não fizestes mais do que imitar o vosso guarda portão. Estranhei ver-vos receber assim a pobreza, vós que ha 12 annos ereis ainda mais pobre.

BARÃO (*afflicto*).Cala-te! cala-te (*cahe sentado na poltrona*).

ALFREDO.

Senhoras, seria indiscripção minha perguntar-vos aonde morais?

ELYSIA.

Oh! desculpai-me, mas...

ROSA.

Vós tendes uma alma nobre, um coração generoso, e...

ELYSIA.

Não lhe digas, filha. (*á parte para Rosa*) Queres patentear-lhe a nossa miséria!

ROSA.

Senhor, somos pobres, oh! muito pobres! Não ha quem não saiba em nossa rua a morada das infelizes Rio-grandenses.

ALFREDO.

Em que rua moraes?

ROSA (*para Elysia*).

Debalde nos procurará, minha mãe, pois hoje devemos mudar-nos. (*alto*) Na rua das Flores.

ELYSIA.

Oh! por piedade, cala-te! Filha, partamos.

ROSA (*para Alfredo*).

Adeos.

ALFREDO (*tira ao fundo, as duas sahem, e Alfredo retira-se para a esquerda*).

Hei-de ser-lhes util.

SCENA 14.^a

Barão e André.

BARÃO (*examinando a scena*).

André!.. André!... escuta-me... Sr. Alfredo?

ANDRÉ.

Entrou para o seu quarto.

BARÃO.

E essas mulheres?

ANDRÉ.

Sahirão já.

BARÃO.

Conheces a ella?

ANDRÉ.

Não, meu senhor. Eu indagarei quem são, e onde morão.

BARÃO.

E se algum dia eu me quizer vingar d'ellas, estaes prompto a obdecer-me? Lembra-te que serás livre, que terás a liberdade depois da minha morte.

ANDRÉ.

Oh! meu senhor ordenando... Quem me pode impedir?

BARÃO.

Basta, em ti tudo confio. Se Domingos tiver morrido observa a minha recommendação... Vou agora a secretaria do Ministro. (*sahindo*) Eu me vingarei.

SCENA 15.^a

ANDRÉ.

Elle partio! Oh! ainda parece-me ouvil-o dizer—eu te deixo livre em meu testamento! Eu livre com a sua morte! Liberdade, palavra magica, pela qual os proprios brancos lutão uns contra os outros! Mas elle deve viver muito, é robusto, forte e sadio! Meu Deos! Que ideia terrivel me occorre! Matal-o! E a forza! A forza que espera por mim, pelos criminosos?

Mas se não descobrissem o meu crime? Mas... Oh! eu perco a cabeça! Não! Não quero.

SCENA 16.^a

André e Doutor.

DOUTOR.

De nada servirão os recursos da sciencia. André, onde está teu senhor? Que vejo? Estais tão confuso! Diviso a tra-vez de tua pelle negra a palidez da morte.

ANDRÉ.

Oh! eu nada sinto, Sr. Doutor. Meu senhor partio e orde-nou-me de pedir-vos o attestado... no caso do Domingos mor-rer.

DOUTOR.

Domingos está morto.

ANDRÉ.

Morto!

DOUTOR.

Teve o fim que espera por todos nós. (*escreve na mesa*) Aqui tens o attestado, digo que morrera de uma congestão cere-bral, e todos hão de crer.

ANDRÉ (*recebendo o papel*).

Ah! mais uma victima!

DOUTOR.

Não falles assim, lembra-te que podes morrer do mesmo modo (*sae*).

ANDRÉ.

Oh! (*segue o Doutor*) morrer!

SCENA 17.^a

ALFREDO.

Irei ter com ellas, morão na rua das Flores, levar-lhes-hei tudo que precisarem. Guardarão seus nomes mysteriosamente, e esse mysterio desperta em mim ideias taes.... Se forem ellas. Não o creio. O que vierão buscar nesta côrte, onde a pobresa é mais custosa de supportar? Oh! como é bella e gentil essa menina coberta mesmo assim com os vestidos da pobresa. Que sentimentos de pura nobresa d'alma patenteou a meus olhos, affrontando as iras do Barão. Estarei apaixonado? (*rindo de escarneo*) Apaixonado! eu! oh! como matarão-me a esperança neste coração ainda tão joven! Como partirão as cordas todas da minha alma no começo da vida! Não, não é paixão que sinto... Mas o que sinto então? Essa engraçada menina reúne em si todos os meus pensamentos, e uma só ideia tenho depois que a vi—vel-a, admiral-a! Mas se for ella a filha... não é possível, Elysia e Rosa de Sousa vivem no Rio Grande... não estão na côrte. Mas ellas são Rio Grandenses... Se tivessem noticias da infeliz familia de Rogero de Souza... É preciso não perder tempo, devo levar-lhes, os soccorros que necessitão, já que o Barão foi surdo aos seus pedidos (*vae sahindo, volta*). Ah, levarei a Eduardo os papeis que tenho promptos (*indo para o quarto*).

SCENA 18.^aCOMMENDADOR (*follando para dentro*).

Esperarei por elle (*entra*). O Barão sahio, certamente foi levar os malditos estatutos do novo banco. Elle perde a cabeça e eu também. Elle com os calculos de lucros provaveis, e eu com a certesa de não poder accudir as chamadas d'essas acções. em que figuro com um numero d'ellas bem consideravel, para as quaes não devia ter assignado. Tenho ganho muito e perdido mais. O *lansquenet* leva-me tudo, e eu como um cego deixo-me guiar pela paixão do jogo. O casamento de mi-

nha filha é só o que me pôde salvar, mas se o filho do Barão persiste em não accetar a proposta que combinei com seu pai, estou perdido, pobre, arruinado e desacreditado. A morte do escrivão dos residuos, e o desaparecimento d'aquelle testamento falso, e das cartas e papeis analogos, que o Sr. Eduardo, seu substituto, disse não ter encontrado, inquietão-me. Quero crer que o fallecido tivesse queimado esses documentos que o podião prejudicar, mas sem esta certeza, sempre vivo inquieto. Se eu conseguir casar minha filha com o Sr. Alfredo, nada temo, reformo-me em desembargador, compro um titulo de barão, e jogarei o *lansquenet* com mais coragem e desembaraço. O jogo traz-me sensações que só elle pode dar; quando ganho sinto o riso nos labios e as graças volteão-me pelo rosto, sinto prazer no divertimento; quando perco enraiveço-me, fico triste, e perco a vontade de rir, praguejo e blasfemo como um judeo. Mas nem sempre o asar triumphará, Oh! heide ter a maré de felicidade, e ai! dos meus parceiros. Não sei que rasão tem o Sr. Alfredo para regeitar a mão da minha Isabel? Saberá elle que tenho os meus bens hypothecados em segredo aos meus credores? Nas mãos d'esses avaros que são como os morcêgos, sangrão, suavizando a chaga que goteja? Ou será por que não ama minha filha? Casamento por amor deixo aos poetas, que vivem no reino da lua, sendo pesados á sociedade. Amôr! Oh! meus companheiros de jogo não conhecem essa moeda. Fação uma parada de amores, que as cartas não são corridas. A minha cara Isabel não hade comer amores, vestir amores, e divertir-se com amores. Para ella quero a realidade dos algarismos, o positivismo do ouro. Ella rica! Oh! serei feliz. Já não sou criança e na minha idade os amores não se aninhão no coração.

SCENA 49.^a

Commendador e Alfredo.

ALFREDO (vem sahindo ao quarto com um rolo de papeis de haixo do braço e contando notas do thesouro).

As minhas economias chegão para soccorrer as primeiras necessidades d'essa bella menina (*dando com o Commendador*).

Ah! desculpai-me não vos havia visto. (*guardando o dinheiro descoberto*).

COMMENDADOR (*á parte*).

Dessa bella menina! (*alto*) O Sr. Alfredo é dos cegos o peor.

ALFREDO.

Não vos comprehendo. Mas desculpai-me, tenho pressa.

COMMENDADOR.

Uma palavra. O senhor não vê porque não quer ver.

ALFREDO.

Sr. Commendador, por ver bem é que fujo do perigo em que procurão lançar-me. O Sr. Commerdador julga que todos são cegos?

COMMENDADOR.

Ao menos é o senhor que não quer ver á fortuna que se lhe offerece.

ALFREDO.

Sr. Commendador, ha muito tempo que projectei uma cousa e nella estou tão firme hoje, como nesse dia em que creei esse projecto.

COMMENDADOR.

Vosso pai já vos fallou de novo?

ALFREDO.

Sempre recebeu a mesma resposta—não.

COMMENDADOR.

Desta forma o senhor regeita a mão de minha filha?

ALFREDO.

Sim.

COMMENDADOR.

Vinha buscar a resposta ao Sr Barão, recebo-a do senhor. Desta sorte de nada vale os empenhos de um pai? Permitta-me, Sr. Alfredo, autorisado pela grande amisade que me tem o Sr. Barão vosso pai, que eu vos diga francamente o que penso a seu respeito.

ALFREDO.

Fallai, mas aviai-vos, tenho pressa.

COMMENDADOR.

O senhor não pensa bem neste negocio.

ALFREDO.

Maduramente.

COMMENDADOR (raivoso).

Então desculpai-me ainda mais esta franquesa, o senhor é um doudo de pedras, um tolo de marca.

ALFREDO.

O Sr. Commendador desceu á posição dos seus lacaios, eu não me devo abaixar até tocar-o (*sahe para o fundo*).

SCENA 20.^a

COMMENDADOR (*sentia-se*).

Ah! insultais-me! Ainda vos haveis de arrepender. Ah! elle não quer, tudo está perdido! Dissiparão-se os meus bellos sonhos com tanto afago acariciados. Perdida a esperanza de tornar a ser rico! Meu Deus! E por que? Quem será essa bella menina de quem elle tratava? Eu saberei sem daviada é por ella que Alfredo despresa a mão de minha filha. Mas não devo desistir ainda desta empre-

sa. O Barão possui 3,000 contos, é necessario que Alfredo case-se com Isabel. O Barão acredita-me rico ainda, quando sinto os braços da pobreza apertarem-me de encontro a miseria! Oh! (*ergue-se*) Não me deixarei vencer tão facilmente. Seja quem for essa outra, que elle por ventura ame, devo obstar a sua união com Alfredo. Mas o que faria o Barão para perder a força e poder contra seu filho, quando é tão austero e terrível para com todos?

SCENA 21.^a

Commendador e Barão.

BARÃO.

Vós aqui, meu Commendador? Sabei que o governo approva os estatutos do novo banco, sem restricção, nem emendas. Commendador, a felicidade persegue-me em todos os meus negocios, e por toda a parte ella me surri! Oh! a fortuna é caprichosa, quando foge não pára, nem volta; mas quando se nos apresenta é constante sempre.

COMMENDADOR.

É pena Barão que vosso filho dessipe parte d'essa felicidade.

BARÃO.

Vós lhe fallastes? O que vos disse elle?

COMMENDADOR.

Oh! o que sempre vos ha dito; teima em não aceitar a nossa proposta.

BARÃO.

Commendador, elle deve aceitar.

SCENA 22.^a

Ditos e Alfredo.

ALFREDO (com o chapéo para sair, para a porta).

Nunca!

BARÃO (cahe abatido na poltrona).

Ah!

COMMENDADOR.

Meu Deos! Em que seculo vivemos nós?

ALFREDO.

Do ouro e do crime, do Commendador Epaninondas e do Barão do Oyapock.

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II.

Sala pobre. Na parede do fundo vê-se um retrato em moldura denegrida, trastes velhos e quebrados adornão a sala. &c. &c.

SCENA 1.^a

Rosa e Elysia.

ELYSIA (ouvindo dar duas horas no sino da igreja).

Duas horas.

ROSA.

E vós ainda não comestes hoje cousa alguma. Ide, minha mãe, cuidar do vosso jantar, que saberei despedir o Sr. Benedicto. Se não for indulgente terá de receber uma lição como essa que ouvistes applicar ao Barão do Oyapock. Milionario insolente! Julgar-nos...

ELYSIA.

Minha filha, não te quero expor a brutalidade do Sr. Benedicto. É um senhorio da massa do Barão, com peor educação, não tem alma, nem coração. Oh! minha querida Rosa! quanto foste infeliz em perderes teu pai, quando d'elle mais necessidade tinhas. E ha quem ainda diga, que ninguem faz falta neste mundo!

ROSA.

Minha mãe, esta pobreza magoa-vos mais, não pelas privações que soffreis nem pelas necessidades que sentis, porem por verdes vossa filha passar muitos dias sem um pedaço de pão para matar a fome, uma gota d'agua que lhe mitigue a sede. Mas isto hade mudar minha mãe, ainda havemos de encontrar almas caridosas que tenham piedade de nós....

ELYSIA.

E devíamos nos mudar hoje, entregar a chave da casa ao Sr. Benedicto como lhe havíamos prometido, e não o podemos fazer! Oh! os proprietários exigem boas seguranças aos alugueis, querem fiadores, e fazem bem. A pobresa Rosa só promette dividas e essas perdidas muitas vezes, e os ricos não gostam de ser credores dos pobres (*chora*).

ROSA.

Pobre mãe! Corta-me o coração ver-vos assim tão afflicta. Não desesperemos ainda, minha mãe, deixemos as lagrimas para logo. Deos não dorme. Elle vela sobre os infelizes, tenhamos toda a resignação a exemplo do Crucificado. Imitemol-o. Elle soffreu tanto dos seus perseguidores... Esbofetado, cuspidado, amarrado e arrastado, teve de carregar o pesado lenho até ao monte Calvario, para morrer na Cruz em remissão dos nossos pecados. Não é isto o que lemos todas as noites no velho livro das nossas orações quando resamos antes de dormir? Ainda não perdi a esperança de merecer a Misericordia Divina. Se o nosso Redemptor não blasfemou, não soltou um queixume, não amaldiçoou os seus algozes, aquelles que com pregos rompião-lhe as carnes e derramavão-lhe o seu precioso sangue, não sejamos nós que a vista de seus martyrios pouco temos soffrido, que devamos renegar a fé que temos no poder, na grandesa de Deos.

ELYSIA.

Rosa, nós já fomos escarnecidas, maltratadas...

ROSA.

O Barão do Oyapock é um d'esses instrumentos que Deos consente no mundo para julgar até aonde chega a resignação dos seus filhos. Já o suppunha tal como o encontrei; sabiamos elle ser um assassino de escravos, ter commerciado em sedulas falsas e no trafico de carne humana, triplicando assim a sua riqueza. Não tenho de que me queixar; bebi o calix até as fezes, mas disse-lhe o que potentados da terra não se atreverião a dizer-lhe; paguei a divida, affronto

ta por desacato; insolencia por infamia. Não sei o que senti! As faces esbrasiarão-se-me, os olhos envolverão-se-me em uma nuvem escura, e uma força sobrenatural impellia-me para dizer-lhe tudo que me vinha á boca. Nãs sei se foi a confiança que me inspirou aquelle senhor que nos libertou das iras do guarda portão... Elle indignou-se tanto contra o procedimento do Barão.... e do guarda portão que...

ELYSIA.

Mostrou ter no peito um coração sensível e não empedernido como o tal Barão do Oyapock. Quem será elle? Não conhecemos a ninguém aqui na côrte, aonde só residimos ha 6 meses depois de uma ausencia de 12 annos, e mesmo aquelles que então conhecia, não conheço mais, e se elles me conhecem, a vista de minha pobreza, fogem de mim e fingem não conhecerem. Ha 12 annos vivi nesta côrte cercada de praseres, tinha então amigas... julgavão-me rica, porque todos sabião que Rogero ganhava muito, sem saberem que elle negociava em negros, mas depois da morte de meu marido, oh! tudo mudou!

ROSA.

Os risos pelos prantos, as flores pelos espinhos, os praseres pelas dores! É assim o mundo, e n'esse livro grande, que o tempo nos offerece, podemos estudar no presente o passado de todos, e antevermos o nosso futuro. Encontrão-se exemplos d'estes a cada pagina, em todas as linhas.

ELYSIA.

Eras uma bella menina de cinco annos quando a orphandade cercou-te de pobreza. Um mez depois da morte de teu pai abandonamos a côrte, partí a viver com teu avô no Rio Grande, onde eu tinha a minha familia. Tudo perdi, e a grande herança que deviamos receber de um tio rico, o Commendador Epaninondas como juiz falsificou o testamento e ficou com ella, de modo que chegamos aqui sem recursos, sem meios para viver. Tão esperançadas vinhamos de herdar, que o desgosto de se ver roubado na velhice, levou ao tumulto teu avô, e nós ficamos reduzidas á miseria!

ROSA.

Minha mãe, as vossas lágrimas me dilacerão o coração. Não vos mortifiqueis assim. Carecemos de forças para supportar os revezes com que a sorte má nos tem agoutado. Meu avô morreu nos vossos braços, recebemos os seus ultimos suspiros. Mas os de meu pai só o assassino ouviu exhalar-se nas agonias da morte! Oh! meu Deus!

ELYSIA.

Rosa, o Sr. Benedicto não pôde tardar, já derão duas horas, o que lhe havemos dizer? Como desculpar-nos para com elle?

ROSA.

Deixai-me só, eu saberei tirar-vos dos apuros em que estais, fie-se em mim. Não chorarei a seus pés supplicando que tenha piedade de nós, porque elle é homem da tempera do Barão do Oyapock, e não devemos humilharmo-nos diante do demonio. E demais de que servião lágrimas para um coração endurecido pela avaresa?

ELYSIA.

Rosa, muitas vezes as lágrimas abrandão o coração do homem afeito aos crimes e torpesas, e talvez que... Se a casa que pretendemos do Barão, fosse d'aquelle senhor que tanto te ficou na mente...

ROSA.

Não sei porque, minha mãe, senti por esse senhor uma sympathia tão aguda, que do desanimo que me enchia o coração surgio a esperanza. Achei na sua fisionomia traços de um homem de bem. Seu olhar cheio de bondade garantião a dignidade do seu character, e a palidez de seu rosto indicava que elle sabe soffrer! Oh! talvez dependa do Barão, e nós o fomos hoje inimisar para com elle. Quem sabe se não é infeliz tambem?

ELYSIA.

Fallas com tanta ternura, minha filha, que era capaz de supportar-te enamorada d'elle. Alguma paixão violenta teria appare-

cido em teu coração infantil á vista d'esse homem inteiramente desconhecido para nós?

ROSA.

Perdão, minha mãe! perdão! Mas a nobresa do porte d'esse homem attrahiu-me, apesar meu, tanto que o tenho deante dos olhos retratado. Parece-me vê-lo reprehendendo o guarda-portão pela forma aspera de receber-nos, a nós, aquem esse vil servo do Barão, chamava com ar de mofa—mulheres. Tratou-nos tão bem... conduzio-nos pelo jardim e fez-nos chegar até á sala do Barão...

ELYSIA.

Oh! antes lá não entrássemos, como tu querias.

ROSA.

Enganai-vos, minha mãe. Folguei ter punido o Barão por suas insolencias e podemos dizer—sahimos victoriosas. Adiante desse desconhecido... senti... Minha mãe, vós bem sabeis que elle tomou a nossa defesa contra o escravo do Barão, que nos teria arrastado... lançado fóra do palacio de seu senhor... se elle...

ELYSIA.

Rosa, isso que sentes, o que exprimes, é amor.

ROSA.

Ah! minha mãe! não querieis a franquesa em vossa filha? Prohibis que vos diga tudo quanto sentio este magoado coração ao fitarem meus olhos nos seus. Ao ouvir o som de sua voz que me fallava ao coração, e escravizava a alma cansada de penar. Oh! minha mãe, agora enxergo toda a minha desventura, por que até então era desgraçada, mas meu coração era livre como o pensamento. Depois que vi, que ouvi esse homem! trajado de preto, palido como um cadaver, desde esse momento o meu infortunio é maior... sim, minha mãe, a desgraça augmentou, por que vossa filha ama!

ELYSIA.

Meu Deos! E a pobresa pôde amar?

ROSA (*afficta*).

Não... não... não pôde, não deve... eu o sei... eu creio assim, desculpai-me. Nem sei o que disse. Amar! eu! Não o creias, minha mãe, o amor é só para os ricos, para os grandes, para os nobres e poderosos. Elle talvez seja d'esses felizes que podem amar, que sentem no coração o amor. Ignoro o seu nome e se é fidalgo ou plebeu. Não reparou em mim talvez. A pobresa afugenta a todos, como se ella fosse a lepra ou a morte! Eu não amo... Oh!... não! Não amo, senão a vós, minha mãe. Não sei amar a outro, não posso, não devo mesmo amar a mais ninguém. Abismada na miseria, a miseria deve ser o meu amor! oh! meu Deos!

ELYSIA.

Filha! Filha da minha alma! (*abraça Rosa*).

ROSA.

Eu era bem criança, apenas contava 5 annos, quando meu pai tirou áquelle retrato (*aponta para o retrato*) como advinhando que ia morrer, mas que nos legava um companheiro para a vida miseravel que nos esperava. Recordo-me de suas palavras paternaes, quando sentado junto a vós me collocára sobre suas pernas e lembro-me d'elle tanto como se o estivesse vendo agora. Suas mãos brincavão por entre os meus cabellos annellados e beijando-me a fronte, disia-me: Rosa, tu serás feliz, muito feliz!... Oh! minha mãe se meu pai resussitasse—se deixando o tumulo e a mortalha corresse a encontrar-nos no mundo... Elle seria mais desgraçado do que foi, achando-nos neste estado. Onde está essa felicidade que elle previa, e destinava para sua filha?

ELYSIA.

Como se enganava então!

ROSA.

Feliz era eu nesse momento sem o saber, e desgraçada agora o sabendo.

ELYSIA.

Os salteadores matarão-n'o! Roubarão-no! Ficarão senhores de nossa fortuna, impunes do crime e zombando da justiça.

ROSA.

Que importa? De que nos servia enforca-los, se não restituíam a vida d'aquelle de quem a roubarão? Não, Deus que os puna, que os castigue; essa punição será peor ainda do que a morte.

ELYSIA.

Hoje nem achamos quem se fie de nós; quem nos alugue uma casa temendo não receber a importancia dos alugueis.

ROSA.

Deus é grande. Devemos crer e esperar na sua Divina Misericordia. Ide comer alguma cousa, minha mãe... estaes fraca e careceis de forças... assim é morrer, e eu quero que vivais.

ELYSIA.

Temo deixar-te exposta as brutalidades do Sr. Benedicto.

ROSA.

Eu o farei respeitar a nossa pobreza.

ELYSIA.

E tu não queres comer alguma cousa tambem? Não jantas?

ROSA.

Não sinto fome, logo comerei... ide minha mãe (*leva Elysia até a porta*).

ELYSIA.

Ah! Deos me dê coragem.

SCENA 2.^a

ROSA.

Como custa-me a ver soffrer assim, sem poder soccorrel-a em sua miseria! Que venha o Sr. Benedicto, eu o espero (*senta-se e cose*). Vamos ao trabalho . . . O trabalho! Chega elle para remediar a falta que cresce de dia para dia em nossa casa? Para libertar-nos da miseria que nos traga em suas garras de fome? Não! E com tudo trabalhamos noite e dia! O Sr. Barão do Oyapock achou-me propria para taboleta da loja de florista, e bella para chamariz de fregueses a Mm. Finet! Infame! Desgraçado! (*deixa de coser e medita*). Quem será aquelle senhor que tanto me fallou ao coração (*trabalha*). Rosa, trabalha que tens obrigação de sustentar a tua mãe e a ti. (*pensativa*) Que estranho sentimento de mim apoderou-se! Não sei o que se passa no meu coração que pela primeira vez palpitou tão alterado! Esse homem . . . sempre elle, e apenas o vi ha duas horas. Tenho vontade de chorar! (*chora*). Estas lagrimas não são arrancadas pela miseria nem pela desgraça, ellas correm livremente do coração; são lagrimas de uma infelicidade nova, e a peor de todas as infelicidades—o amor. A impressão que me causou esse senhor . . . Mas . . . elle vio-me com olhos indifferentes, talvez tenha mulher e filhos. Oh! isto é soffrer muito em pouco tempo! (*chora*) Quem repara na filha de Rogero de Souza? (*batem a porta da direita*) Batem á porta, sem duvida é o senhorio. Coragem diante do algoz! Estas lagrimas (*enchugando os olhos*) devem ser occultas a todos, foi o meu primeiro pranto de amor aos 17 annos de idade. (*abre a porta*) O Sr. Benedicto; entrai.

SCENA 3.^a

Benedicto e Rosa.

BENEDICTO.

Julguei que não tinham ainda voltado a casa, ou que já se

havião mudado, por que bati e esperei tanto... como em casa de Ministro de Estado. (*senta-se*) Aonde está sua mãe?

ROSA.

Minha mãe, senhor, está comendo um pouco, pela primeira vez hoje. Almoga, janta e ceia ao mesmo tempo.

BENEDICTO.

É assim, trata de comer. E de pagar-me? As senhoras mudão-se ou não? Julgão que devem morar de graça em minha casa? Depois da morte do pai de sua mãe, ainda não recebi um real, e digo que despejis a casa—hoje, amanhã, e nada de novo.

ROSA (*aparte*).

Prudencia! (*alto*) Sr. Benedicto nós ves havemos pagar... talvez que breve...

BENEDICTO.

Não tenho mais que fazer senão creer em promessas de inquilinos sem outros recursos mais do que as lágrimas, sem meios de pagar mais do que labias e promessas. (*aparte*) A pequena não é nenhuma asneira. Se ella quizesse... (*alto*) Então menina recebo ou não os alugueis dos tres meses vencidos? Diga-me, já acharão casa?

ROSA (*atrapalhada*).

Sahimos hoje a procurar, mas não encontramos....

BENEDICTO.

Quem se fiasse nas senhoras, não? E comtudo prometterão hoje estarem mudadas. É de mais! Quero as minhas casas, (*passeia de um para outro lado*) e as senhoras embirrao em quererem augmentar a divida! (*para diante de Rosa, e tira uns papeis do bolso*) Vê estes papeis? Um é o mandado de pinhorrá, e o outro o mandado de despejo; só falta n'elles a assignatura do juiz que vou buscar e... (*examinando os moveis*) es-

tes cacareos todos vão ser vendidos para o meu pagamento. Verdade seja que elles pouco valem. Cadeiras em máu estado, as que tem pernas não tem costas, e as que tem ambas as cousas falta a palhinha... não perderei tudo, e se perder resta-me a desforra de ser bigodeado.

ROSA.

Estes miseraveis moveis senhor herdamos de um empregado publico que morreu honrado.

BENEDICTO.

Vosso avô? Mas isso não me importa, se era honrado fazia o seu dever, se morreu pobre requeirão as camaras uma penção, e paguem os alugueis das casas em que morarem. (*querendo entrar na alcova da esquerda*) Vejamos o que vai por cá.

ROSA (*atravessando-se na passagem*).

O que pretendeis, senhor? Nem mais um passo!

BENEDICTO.

Então não quereis que eu veja o vosso santuario? Que escrupulos são esses! não vai tudo ser meu? Não é minha a casa? Não seja tão arribitadinha...

ROSA.

Senhor, devemos-lhe dinheiro, mas não vos authorisa isso a examinar a nossa pobresa. Não podeis passar desta sala senão quereis ver o desespero de uma mulher offendida em sua alma pelo que de mais caro lhe é, sua honra.

BENEDICTO.

Pelos espinhos mostrais que sois uma rosa, D. Rosa. Vosso pai soube escolher o nome que vos deu. Veremos se hade ser tão arrogante quando eu voltar com o sequestro e o mandado de despejo. Se reziste aos officiaes de justiça, como resistio ao seu credor, de entrar n'essa alcova, e tudo ver mi-

nuciosamente. Sois má, e mostrai-vos indignada contra mim sem motivo plausível, só porque quero receber o que me devem? As senhoras são caloteiras, a culpa não é minha, e não devo ser eu a victima exposta a ser lograda por mais tempo. Custou-me muito a ganhar o que tenho. Oh! ha 12 annos era caixeiro, depois, fiz-me estalajadeiro, substitui a um Manoel Joaquim, que hoje é grande e poderoso, e ganhei alguns contos de reis nessa estalagem... Este retrato é de vosso pai? Oh! deve ir figurar na prateleira de algum musêo.

ROSA.

Senhor! (*áparte*) Eu perco a paciencia!

BENEDICTO.

O Sr. Manoel Joaquim está fidalgo, não me conhece hoje, ou não me quer conhecer. É o mesmo; dizem que é milionario. vão alugar-lhe as casas que tem por essas ruas, caloteiem a elle, mas não a mim. Julga a senhora que devo ter capitaes empatados? Que devo receber das senhoras lagrimas, em quanto devo pagar as decimas á dinheiro? Oh! isso nao... não quero, não consinto...

ROSA.

Senhor, ide, ide buscar essas execuções, ellas serão mais suaves de supportar-se do que a vossa presença.

BENEDICTO (*verno*).

Escute-me... D. Rosinha... Seja boa para commigo. Olhe nas mãos da senhora está a felicidade de sua mãe, e a sua felicidade tambem. Basta uma palavra sua para romper estes papéis, e passar quitação as senhoras. Quer que tudo isto se faça? Fallai.

ROSA.

Não vos comprehendo, senhor.

BENEDICTO.

Eu me explico. Não seja indomavel .. (*Quer pegar nas mãos de D. Rosa*).

ROSA (*fugindo*).

Não me toqueis, observo-vos que vou perdendo a paciencia.

BENEDICTO.

E não tenho eu tido ha tres mezes paciencia bastante para esperar os alugueis de minha casa? Acho-vos tão bella!... Tendes uns olhos matadores que são os primeiros que me tem tocado ao coração, D. Rosinha; chegue-se para mim. (*senta-se*) Sente-se aqui ao meu lado... Nós podemos conversar... e entendermo-nos...

ROSA (*abrindo a porta da rua*).

Senhor, a porta da rua está aberta, sahi, nada mais tendes que fazer aqui. Resta-vos lançar mão da justiça, ella já nos espoliou de uma herança, que nos mande agora arrancâr os moveis velhos que nos deixou por caridade o usurpador dessa fortuna, o Sr. commendador Epaninondas. Ide, que venhão os beleguins. Somos pobres, mas possuímos aquillo que vós até hoje não conheceis, a honra! A honra, senhor... que é para vós cousa estranha; que apenas conheceis de nome, e por isso tanto vos admira.

BENEDICTO (*levantando-se*).

A senhora faz-se de manto de seda? Quer vender caro o seu peixe? D. Rosinha, meu amor. Já sei, quer-me de joelhos á seus pés? (*de joelhos*).

ROSA.

Infame! Erguei-vos. Oh! minha mãe!

SCENA 4.^a

Ditos e Elysia.

ELYSIA.

Quanta insolencia! Quanta audacia!

BENEDICTO (*erguendo-se furioso*).

Ah! temos insulto? É assim que retribuem os meus affectos? Senhora, o meu dinheiro? (*para Elysia*).

ELYSIA (*resignada*).

Não tenho com que vos pague. Não tenho dinheiro.

BENEDICTO.

Quando se muda? (*cobrando-se*) Não sabe? Pois eu lhe direi em breve. Nada de mais considerações com as senhoras; é gostar cêra com ruins defuntos. Eu saio, voltarei já, mas não virei só, e nem deveis esperar clemência da minha parte, por que não sois digna da piedade dos homens. Serei terrível! O sequestro feito, e as senhoras na rua...

ELYSIA (*assustada*).

Sequestro! o que dizeis?

BENEDICTO.

Sequestro, sim. Então o que vos admira? Aqui levo para o juiz assignar, (*mostra os papeis*) e, concluido, as senhoras fôra, e os moveis no deposito. É negocio muito summario.

ELYSIA.

Sequestro! Oh! Sr. Benedicto, tende comiserção de uma mãe infeliz e de uma filha desgraçada. Vêde estas lagrimas, (*ajoelha-se*) commovão ellas o vosso coração... de joelho a vossos pés eu vos imploro piedade. Não nos arrasteis para o extremo da miseria. Aqui me tenes, trabalharei noite e dia para pagar-vos! Oh! (*para o retrato do marido*) Rogero, a que estado estamos reduzidas!

BENEDICTO.

Aquelle boneco deve dar pouco dinheiro no leilão, mas...

ELYSIA.

Sr. Benedicto, sede indulgente.

BENEDICTO.

Não. Quero o meu dinheiro, a minha casa...

ROSA (fazendo erguer a Elysia).

Erguei-vos, minha mãe, que debalde implorareis a uma vi-bora. Sr. Benedicto, venha esse sequestro, despojai-nos de que nos resta, mas da honra, isso não o podeis fazer. Andaremos de porta em porta mendigando o pão, dormiremos pelos alpendres das Igrejas, sentiremos corar as faces quando recebermos sarcasmos por esmola; sem asylo, porque asylos no Rio de Janeiro não os ha para aguardar a virtude desvalida dos golpes da adversidade, da perdição e da infâmia! E gastão tanto dinheiro em cousas tão futeis! Tudo supportaremos, mas não espereis uma supplica dos meus labios. Ide, não vos tememos, por que Deos é grande.

BENEDICTO.

Soberba!

ROSA.

Chamais soberba a dignidade, moeda a que nunca destas valor? Já vos havia dito que a porta estava aberta, repito-vos agora—Senhor, sahi desta casa antes que nos obrigueis a despejal-a. Vós deveis esvazial-a primeiro. Vamos, então? Não ouvis?

BENEDICTO (furioso).

Sim, saio para voltar já, e então veremos quem se deve curvar; se a flor ou o cedro; se o junquillo ou a palmeira, (sahe).

SCENA 5.^a

Elysia e Rosa.

ELYSIA.

Minha filha, o que nos resta agora?

ROSA.

Deos, que com a sua Divina Bondade nos deve socorrer em tão afflicta hora. O que será de nós sem o auxilio de Deos? Tendes razão, minha mãe, tendes razão! Já vou tendo medo da miseria! Oh! minha mãe, o frio e o sol, a fome e a sede familiarisar-se-hão connosco e o estender a mão para supplicar uma esmola ficar-nos-ha habitual. Mas os insultos, os ditos offensivos dos seductores... antes morrer, porque isso não poderemos supportar... o pudor subir-nos-ha as faces... ver-nos-hão descalças... cobertas de farrapos. Oh! Não... não... minha mãe... tenhamos coragem, vamos pedir protecção.

ELYSIA.

Aquem, filha? Quem nos pôde proteger na terra?

ROSA.

A Elle, o nosso Soberano. Tenho ouvido fallar em Suas grandes acções de caridade. Elle não nos deixará morrer na miseria.

ELYSIA.

O Monarcha é bom e caridoso, mas como chegaremos á Elle... como fallar-lhe neste estado minha filha? Não sabes que não nos deixarão chegar até o Imperador?

ROSA.

Caminhemos... caminhemos a S. Christovão, esperemos á porta do paço, que o nosso Soberano appareça e ao vel-o, minha mãe, de joelhos imploremos a sua nunca negada protecção aos infelizes. Elle tem uma esposa que no peito encerra um coração de mãe. Ella se condoerá de nós, nossas lagrimas serão bastante expressivas para dizer-lhe: Senhora é a virtude que de roço á miseria foge do oprobrio e da vergonha, e pede-vos amparo e protecção. O nosso magnanimo Monarcha attenderá a nossa dôr e dar-nos-ha asylo onde com o nosso trabalho, com o suor do nosso rosto, adquiramos meios de alimentar-nos. Oh! minha mãe, os Soberanos são os pais dos povos. O Monarcha terá piedade de nós.

ELYSIA.

Ah! partamos! (*põe o chapéo e prepara-se*) D. Pedro
o—piedoso será o nosso salvador.

ROSA (*aparte preparando-se*).

Talvez que no Paço Imperial o encontre. Oh! ainda veja
uma vez ao menos aquelle aquem já amo, (*vão sahindo, encon-
trão Alfredo*).

SCENA 6.^a

Ditas e Alfredo.

ALFREDO.

É aqui sem duvida. Desculpai-me, senhoras, se entrei sem
pedir permissão, mas vi a porta aberta e querendo reconhe-
cer se era aqui que moraveis fui entrando, e felizmente dei
comvosco. Porque vejo ides de novo sahir, talvez em procura
de casa ainda.

ROSA.

Senhor, nós... (*aparte*) Que alegria extranha sinto agora!

ELYSIA.

O senhor... aqui!.. Procurai-nos?

ALFREDO.

E felizmente quando vós achais no auge de uma affli-
ção matadora. Folgo muito porque assim tenho a certeza de
ser-vos util e de que vós não haveis de regeitar os meus ser-
viços. Ha poucas horas fostes offendidas pelo Sr. Barão do
Oyapock, millionario austero, que em minha presença dirigio-
vos graças que offenderão os vossos melindres, os brios de se-
nhoras, que não estão acostumadas aos brutaes galanteios dos
nossos cortezãos libertinos. O que soffrestes, senhoras, incom-

modou-me muito. Apenas disseste-me a rua onde moraveis, tratei de procurar algum linitivo para os vossos males. Vejo com um só golpe de vista que é extrema a pobreza que vos cerca e... (*dando com o retrato empalidece e confunde-se*) Que vejo! Este retrato!..

ROSA.

O que tendes, senhor?

ALFREDO.

Nada, nada!.. Aquelle quadro pertence-vos?

ELYSIA.

É um objecto de grande valor que possuímos, mas que não tem merecimento algum para os extranhos.

ALFREDO.

É o retrato...

ELYSIA (*triste*).

Do meu defunto marido.

ROSA.

De meu pai!

ALFREDO.

De... Oh! meu Deos! (*aparte*) São ellas!

ROSA.

Horrorisa-vos o retrato de meu pai? Conhecestes a elle?

ALFREDO.

Sim... conheci... eu era ainda rapaz... vio-o algumas vezes.

ELYSIA.

E fez-vos algum mal para que repugneis olhar para seu retrato.

ALFREDO.

Perdão, minhas senhoras. (*áparte*) É preciso dissimular. (*alto*) Eu fui seu amigo no tempo de suas romarias pelo interior quando commerciava em escravos, depois não o vi por muito tempo, e sube que tinha sido assassinado em uma estalagem na raiz da serra. A lembrança do fim trágico do meu amigo e companheiro de tantas jornadas, ao olhar para o seu retrato, quasi fez-me chorar. Com a sua morte ficastes ao desamparo não é assim? Matarão-n'o e roubarão-n'o, e a vós também. . .

ELYSIA.

Assassinado e roubado nessa estalagem, nós nada mais tínhamos a que recorrer, senão a meu velho pai, que no Rio Grande do Sul, vivia de seu emprego. Um mez depois de semelhante desgraça deixei a côrte e reuni-me com minha filha áquelle que me dera o ser. Mas ainda não é tudo, senhor. Um irmão de meu pai, Sebastião da Silva, rico proprietario nesta côrte, morreu deixando-nos suas herdeiras; mas houve um homem que dizia-se seu amigo que não temeu fabricar um testamento, que com testemunhas falsas, desherdarão-nos, para herdar elle e uma filha que tem, que muitas vezes offereceu em casamento a meu tio, mas que elle regeitou sempre.

ALFREDO.

Esse homem é o commendador Epaninondas. (*áparte*) São ellas as victimas do juiz criminoso!

ROSA.

O Juiz, o commendador Epaninondas? Elle mesmo! Como soubestes.

ALFREDO.

Senhoras, eu tenho provas de que esse testamento é falso e fiai-vos em mim que ainda haveis de receber o que resta dessa herança roubada tão vil e infamemente. E foi para herdardes que viestes á côrte?

ROSA.

Meu avô sabendo da morte de seu irmão, e tendo em seu

poder o testamento d'elle veio a côrte tomar conta da fortuna que herdára e trouxe-nos, visto que eramos as suas companheiras inseparaveis havia 12 annos. Ao chegar aqui soube do roubo que lhe fizeram e... ah! senhor, o pobre velho morreu de dôr não podendo supportar com resignação tanto infortunio—Elysia, Rosa, oh! dizia elle, vou fazer-vos felizes, e chegando, depois do desengano nos ultimos instantes de sua vida, mal pronunciou estas palavras: deixo-vos desgraçadas!

ALFREDO.

E não pôde a justiça descobrir os assassinos do Sr. Rogero de Souza?

ROSA.

Não... E se descobrio com o volver do tempo ignoramos.

ELYSIA.

O processo correu por Itaborahy, comarca onde o delicto teve lugar e nada soubemos d'elle. E depois da nossa retirada para o Rio Grande...

ALFREDO.

O Estalajadeiro dono da casa estava innocente?

ELYSIA.

Assim considerarão-no. Achou-se na parede junto a janella do quarto onde matarão meu esposo uma escada, e pizadas de homens que se perdião pelas florestas. A janella aberta e Rogero morto fechado por dentro. Tudo isto provou que o estalajadeiro não tinha culpa.

ALFREDO.

E não soubestes mais nada?

ELYSIA.

Parti para o Rio Grande um mez depois, sem querer saber de mais nada.

ALFREDO.

Fizestes bem. Mas agora deixemos o passado que não o podemos remediar, tratemos do presente para recebermos o porvir mais favoravel. Aqui vos trago a chave de uma casa que aluguei e não careceis dar fiador como exigio-vos o Sr. Barão do Oyapock. Tendes somente de prestar contas a mim que represento o proprietario. Por enquanto occupareis essa casa pequena, e se Deus me ajudar sereis melhor favorecida da fortuna.

ELYSIA.

A chave de uma casa! A que titulo vindes nol-a offerecer?

ALFREDO (dando a chave).

Com os titulos de um homem de bem, acreditai, D. Elysia, e de mim nada deveis receiar. Deveis acceitar o que vos offereço, é um bello e pequeno predio em Mata-cavallos.

ELYSIA.

Mas... senhor... quem sois vós? O vosso nome?

ALFREDO.

Chamo-me Alfredo.

ELYSIA.

Alfredo, de que?

ALFREDO.

Alfredo, minha senhora.

ROSA.

Alfredo só?

ALFREDO.

Sim. Alfredo só.

ELYSIA.

Não tendes nome de familia... apellido...

ALFREDO.

Não o tenho.

ROSA.

E o de vosso pai?

ALFREDO.

Perdi meu pai, minha mãe morreu, chamo-me Alfredo, ou Alfredo só, como chamou-me ha pouco a Sr.^a D. Rosa.

ROSA (*aparte*).

Elle não me ama! (*alto*) Sr. Alfredo o que vos demoveu a interessar-vos tanto por mim?

ALFREDO.

Em primeiro lugar o máo trato do Barão, depois a nobresa de vossos sentimentos, e por fim . . . a vontade de ser util aos necessitados. Mas agora, ainda tenho outro motivo, e esse muito forte. Sois a familia de Rogero de Souza, e não vos devo deixar mendigar o pão de porta em porta. Deixai os escrúpulos, Sr.^a D. Elysia, para outras occasiões; curemos o mal que vos acabrunha presentemente. Não me olheis como seductor refalsado, que em troca de beneficios vem trazer-vos a deshounra e a infamia. Oh! Não sou d'esses libertinos que, depois de saciarem o brutal desejo, riem-se da victima que se deixou lograr. Despreso e aborreço a essa laia de homens perigosos e dar-vos-hei provas de que não mereço ser confundido com essa turba de miseraveis. Sei que negros terrores vos assaltão o coração e isso é natural, a desconfiança nasce no seio da pobreza com facilidade. Um homem no seculo XIX sem interesse algum derramar o ouro, só em beneficio da humanidade, é philantropia que só se pratica, para os autores fallarem nellas pelas gazetas, ou quando se pretende merecer um titulo de fidalgo, ou um carachá para o peito. Nem titulos de fidalgos, nem commendas para o peito, pretendo ter, e muito menos elogios nos jornaes escriptos por mim mesmo, figurando misteriosamente como um d'esses principes incognitos que derramão favores ao povo sem que elle o conheça só para não receber agradecimento, nem louvores. Esses só encontram-se nos romances. Sr.^a D. Elysia, acceitai

o meu offercimento, já dei ordem aos carregadores de virem transportar vossa mobilia para a nova casa.

ELYSIA.

Ah! meu Deos!

ROSA.

Transportar nossa mobilia! Sr. Alfredo, vós sois um homem de bem o que é raro encontrar-se presentemente, e devo dizer-vos a verdade. Estes moveis... Oh! uma sentença nos vem despojar d'elles.

ALFREDO.

Que dizeis! E era isso o que vos affligia tanto? E não me dizeis, para em tempo obstar semelhante affronta?

ROSA.

O senhorio veio receber os alugueis, nós nada lhe podemos dar, quiz abusar da sua posição de credor, eu repellio-o, e enfuricido foi buscar as sentenças contra nós.—Uma de sequestro e outra de despejo. Elle deve estar no cartorio do juiz... Oh! salvai-nos,

ALFREDO (*aparte*).

Quanta belleza, e que nobresa d'alma! (*alto*) Eu tudo ainda posso obstar. Parto, vou ter com esse miseravel senhorio e não tenhais medo, voltarei com a felicidade para vós. Certamente tinheis medo de que vos levassem até o retrato do Sr. Rogero de Souza. (*aparte*) São ellas! Sou feliz agora (*sahe*).

SCENA 7.^a

Rosa e Elysia.

ELYSIA.

Que pretenderá este homem? Não sei porque, devendo temer, n'elle me fio!

ROSA.

Por ser um homem de bem, como vos disse elle; fará tudo quanto for compativel com a honra. O meu coração advinha que o Sr. Alfredo não é seductor... Oh! elle é o Anjo do Céu, que Deos nos envia para livrar-nos de tanto mal.

ELYSIA.

Notastes como sobresaltou-se ao ver o retrato de teu pai?

ROSA.

Não ouvistes dizer elle que era seu companheiro em algumas jornadas? Quem sabe se não era d'elle que recebieis aquellas quantias dirigidas de forma que nunca podestes saber. Talvez que sabendo de nossa estada na côrte, estada que só hoje teve conhecimento, encontrando-nos na casa do Barrão, queira á capa de humanitario fazer-nos estes obsequios. Mas vós não comestes ainda?

ELYSIA.

Ainda não, deixei tudo preparado, vai Rosa, vê se aquentás o jantar e chama-me. É verdade, nem sahimos!

ROSA.

Guardaremos as nossas supplicas ao Monarcha para mais tarde, esperemos agora o Sr. Alfredo. Minha mãe, haveis de prometter-me comier alguma cousa, sim?

ELYSIA.

Sim, eu te prometto.

ROSA.

Ainda bem. (*sáhe*).

SCENA 8.^a

ELYSIA.

É um anjo de consolação e doçura, que me anima a suppor-

tar os horrores da pobreza. *(batem á porta)* É elle! *(abre a porta e entra Benedicto, Official de justiça e Escrivão)*.

SCENA 9.^a

Elysa, Benedicto, Official e Escrivão.

BENEDICTO.

Eis a Sr.^a D. Elysa de Souza, minha inquelina: *(senta-se de chapéo na cabeça)* Cumpri os mandados.

ELYSIA.

Jesus! *(cobre o rosto com as mãos)*.

ESCRIVÃO.

Senhora trago-vos dois mandados; um de penhora, outro de despejo. Passo a obedecer a lei e vou cumprir o primeiro mandado. Sr. Official de Justiça, numere os moveis e tudo que encontrardes.

OFFICIAL *(apregoando)*.

Inventario dos objectos penhorados a D. Elysa de Souza. *(conia as cadeiras)* Seis cadeiras em máu estado, uma sem pernas, outra sem assento, e algumas sem travessas, e velhas. Uma mesa sem uma perna e sem gaveta. Um castiçal de folha sem mauga.

ELYSIA.

Meu Deos! *(cahe de joelhos)*.

BENEDICTO.

Por que não resistem á justiça?

OFFICIAL.

Passo a arrolar o que tem a alcova (*entra e sahe*) Uma marquesa velha sem colxões, com o fundo de lona (*vae dentro a casa*).

BENEDICTO.

Deve ter outra, são duas senhoras. Accaso dormião ambas no mesmo leito? E querião pagar-me? Como? Com que?

OFFICIAL (*voltando a scena*).

Dentro encontrei seis pratos de louça ordinaria, uma faca e um garfo...

SCENA 10.^a

Ditos e Rosa.

ROSA.

Minha mãe! (*abraça a mãe*).

ESCRIVÃO.

Só?

ROSA.

Oh! elle chegou tarde.

OFFICIAL.

Na cosinha achei uma panella ao fogo... uma colher de pau... e nada mais.

BENEDICTO.

Muito bem, muito bem! Uma cama para duas, um taller para duas, uma colher de pau para mecher uma panella e querião ainda calotear-me!

OFFICIAL.

No armario da parede tem tres chicaras sem pires, uma cafeteira de folha e uma tigella raxada.

BENEDICTO.

Ainda temos este honeco que não incluístes nesse exercito de porcarias.

ROSA (com fleugma).

O retrato de meu pai! Oh! não lhe toqueis! Seria mais facil espedaçal-o diante de vós do que levardes d'aqui. Elle sahirá connosco, oh! não lhe toqueis, senhores da justiça.

BENEDICTO.

Sr. escrivão, resistem a justiça; cumpri as ordens que tendes.

OFFICIAL (indo tirar o retrato).

Um retrato.

ROSA (defendendo o retrato).

Deixai-o!

ELYSIA (defendendo o retrato).

Não haveis de leval-o!

BENEDICTO.

Eu o tirarei. . . (*vae para tirar, Rosa dá-lhe uma bofetada*).

ROSA.

Malvado!

SCENA 11.^a

Ditos e Alfredo.

ALFREDO.

Suspendei!

ROSA (correndo para Alfredo).

Oh! sois o nosso bom anjo.

BENEDICTO (furioso).

Quem é o senhor para mandar suspender uma execução?

ALFREDO.

Um homem que traz o contra mandado do juiz, por que nem todos são o commendador Epaninondas. Ainda o paiz tem magistrados que a corrupção não poude perverter. Sr. Escrivão, lêde (*dá o papel ao escrivão*).

ESCRIVÃO (erguendo-se).

Sr. Alfredo, desculpai-me se exerço tão ardua tarefa.

ALFREDO (para Benedicto).

Aqui tendes nesta bolça a quantia que vos deve esta senhora, passai o recibo. (*á parte para Benedicto*) Ainda não perdestes o costume de receber dividas com insolencia, Sr. Benedicto?

BENEDICTO (encarando-o descobre-se).

Grande Deos! É elle! O Sr. Alfredo!

ALFREDO.

Ha 12 annos que as recebieis d'esta forma!

BENEDICTO.

Sr. Alfredo! Oh!... eu não quero... não devo... desculpai-me! Meu Deos o Sr. Alfredo que ha 12 annos não vejo... encontral-o. Oh! meu Deos V. S.^a não me deve querer mal... tratava de obter um pagamento.

ALFREDO.

Passai o recibo, já vos disse.

ESCRIVÃO (para o Official de Justiça).

Nada mais temos que fazer, partamos (*sahem*).

SCENA 12.^a

Alfredo, Rosa, Elysia e Benedicto.

BENEDICTO.

Então o Sr. Alfredo teima?... Sois rico...

ELYSIA.

Rico!

BENEDICTO.

Pois vós não conheceis o vosso bemfeitor?

ELYSIA.

Fallai, quem é elle?

ALFREDO.

Cala-te.

BENEDICTO.

É o filho do Barão do Oyapock...

ROSA e ELYSIA.

O filho do Barão do Oyapock!

ALFREDO.

Chamo-me Alfredo, Alfredo só.

BENEDICTO (escrevendo o recibo).

Em nome de quem devo passar o recibo?

ALFREDO.

De D. Elysia de Souza.

ELYSIA.

Receber favores do filho do Barão... não sei o que deva fazer.

ROSA.

Minha mãe!.. Prudencia. (*aparte*) Oh! quanto o amo assim mesmo!

BENEDICTO (*dando o recibo*).

Obrigado, Sr. Alfredo. (*para Rosa*) Menina, tendes um rico protector. Oh! eu bem vos disse que pretendieis vender caro o vosso peixe... o filho do Barão do Oyapock...

ROSA.

Insolente!

ALFREDO (*agarrando Benedicto pelo pulso*).

De joelhos, miseravel! De joelhos, pede perdão a quem dirigiste a maior de todas as offensas...

BENEDICTO (*de joelhos*).

Perdão!.. Perdão!.. Sr. Alfredo! Eu não queria... Oh! se me apertais o pulso assim meia hora, matais-me.

ALFREDO.

Cala-te, avarento. Ha pouco ostentavas tanta insolencia na presença de duas fracas senhoras, porque ellas te devião algum dinheiro, e agora? Humilhado perante ellas, de joelhos lhe imploras o perdão...

BENEDICTO.

Sr. Alfredo! Piedade.

ALFREDO (empurrando-o).

Vai, reptil perigoso, que só desprezo me inspiras.

SCENA 13.^a

Rosa, Alfredo e Elysia.

ROSA.

Oh! quanto vos devemos!

ELYSIA.

Senhor, não acceito o offerecimento que me fizestes... vosso pai pôde saber e reprehender-vos...

ALFREDO.

O que dizeis, senhora?

ROSA.

Minha mãe!

ELYSIA.

O Sr. Barão offendeu-nos... vós sois seu filho.

ALFREDO.

Já vos disse, senhora, que não tenho pai. É este um mysterio que só Deus sabe, e maior admiração vos deve causar se vos disser que, se vossa filha não me repellisse... ella seria minha esposa.

ELYSIA.

Vossa esposa!

ROSA (alegre, aparte).

Ah! elle me ama!

ALFREDO (para Elysia).

E consenterieis?

ELYSIA.

Mas vós só nos conheceis hoje... estareis zombando?

ALFREDO (olhando para o retrato).

Conheço-vos de muitos annos.

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

Sala do 1.º acto; no centro um criado mudo, com poltronas aos lados e tendo em cima garrafas de christaes e copos.

SCENA 1.ª

BARÃO (sentado em uma das poltronas junto do criado mudo, bebendo alguns goles em um copo).

• Dizem que o conhak depois do jantar facilita a digestão e concerta o estomago, rebatendo o mal que por ventura houvesse de nos vir por causa da comida. Eu ignoro se isso é verdade; se o bebo depois de jantar não é como um preventivo, e sim por que em França vi os mais afamados fidalgos, os mesmos da familia imperial usarem d'elle ou por praser, ou como apendice ao luxo da nobresa; adopteio por esta unica rasão. Não sou d'esses que bebem o conhak puro por que não tenho a garganta preparada para receber um hospede tão ardente, mas como fidalgo que sou, como Barão e como nobre bebo depois do jantar um copo d'agua com conhak á moda franceza. Chama meu filho a tudo isto vans imposturas, pequenas miserias humanas, as quaes aborrece, por que o rapaz ainda não sahio deste Rio de Janeiro e está persuadido que o mundo é só o Rio! Assim quer, não o posso obrigar. . . Elle impera sobre mim! . . . Ha dias que anda preocupado que julgo de uma vez se conspirar contra seu pai! Chego a temel-o e não ousou encaral-o, sem que sinta rapido tremor assaltar-me o corpo! O seu amigo Eduardo foi demittido ha dois dias, por que assim exigi do ministro que á vista de uma queixa do juiz Epaninondas despachou a minha petição e o tal escrivão acha-se aos páos, certamente isto indignou a Alfredo e á seu amigo que blasfemão contra o commendador, como causador de tal demissão. Coitado do commendador, elle custou a annuir aos meus ditames, mas não ha quem me resista. Que rica victoria! Sei que Eduar-

do tem grande familia a sustentar, mas quando me quero vingar não attendo a rasão nem a piedade! Não vejo consideração que me detenha e a vingança triumphá. Que importa que gritem, que berrem contra mim? Foi uma calamidade tirar o pão a um chefe de familia, honrado... Não jogasse as peras com seus amos. (*bebe em um copo*) Se Alfredo o quizer proteger, e assim pagar a divida que tem para com Eduardo, deve esquecer o passado e respeitar a seu pai, ama-lo, e torna-lo feliz. Deve acceitar a mão da filha do Commendador Epaninondas, e não regeital-a como o tem feito até agora. O Commendador anda desequilibrado com o modo revoltante porque elle e sua filha são tratados. Eu sei que se elle quizer casar a D. Isabel, noivos não lhe faltarão; ella é rica, é bonita e fidalga... (*tocando a campainha*) Agora lembra-me que a filha do Commendador fallou-me de um insulto que recebi ha oito dias nesta mesma sala; forão duas mulheres... André deve saber onde morão, eu lhe ordenei descobril-as e elle é um fiel executor de minhas ordens. •

SCENA 2.^a

Barão e André.

ANDRÉ.

Meu senhor.

BARÃO.

Já sabes aonde morão aquellas mulheres, que tanto te recommendei?

ANDRÉ.

Sim, meu senhor.

BARÃO.

Conheces a ellas? Sabes quem são?

ANDRÉ.

Não, meu senhor, apenas vejo-as em um bonito predio em Matta-cavillos aonde o Sr. Alfredo está com ellas sempre.

BARÃO.

Alfredo com ellas! Ah! elle as seduz... quer a bella menina, a espiituosa...

ANDRÊ.

A mais moça é formosa, e o Sr. Alfredo não perde seu tempo.

BARÃO.

Não as percas tu de vista, que breve tratarei de tirar a minha desforra. Se o Sr. Alfredo as desfructa, não obsta isso que eu dê uma lição de mestre a essas insolentes deidades. Vai-te, e prepara-te para o ajuste de contas com essas senhoras.

ANDRÊ.

• Sim, meu senhor. (*aparte*) Tenho tudo observado, o Sr. Alfredo ama e é amado por ella; elle a salvará.

SCENA 3.^a

BARÃO.

Veremos se com o cheque mate dado ao tal Eduardo consigo subjugar meu filho. A minha riqueza augmenta a olhos vistos, e ao novo Banco que criei devo o ter ganho para mais de 500 contos de reis. Já tratamos de outra empresa; os caminhos de ferro hão-de dar caminhos de ouro— eu assim espero, e o ministro me ha-de proteger nesta nova empresa. Elle pôde ganhar não pouco, só com o seu apoio... (*bebe*) Quem será que se derige para cá?

SCENA 4.^a

Barão e Commendador.

COMMENDADOR.

Até que finalmente posso descançar; encontrei-vos, Barão

e vós sois como o bom, medico que anima e conforta com a sua presença o doente prostrado e sem esperanças. Tranquillo vos encontro quando em mim tudo é atropello e dessasociego! (*senta-se na poltrona ao lado do criado mudo*).

BARÃO (*preparando mais conhaç*).

O que vos incommoda, commendador?

COMMENDADOR.

Por toda parte accusão-me ter sido a causa da demissão do escrivão Eduardo. Os amigos deste escrivão insultão-me defendendo o amigo demittido, a familia de Eduardo amaldiçoa-me, e a opinião publica conspira-se contra mim. Eduardo jura vingança! Oh! desprezo os seus amigos, não incomodão-me as maldições de sua familia, rio-me da opinião publica, mas a vingança de Eduardo atemorisa-me. Tenho medo dessa vingança!

BARÃO (*depois de beber alguns goles*).

O que poderá fazer esse pobre diabo?

COMMENDADOR.

Já sabeis que quando deu o cartorio ao escrivão nomeado, este não encontrou aquelles autos em que o testamento falso feito por nós... Fostes vós, Barão, que me obrigastes a desherdar a familia de Sebastião da Silva.

BARÃO.

Mas vós fostes o falsificador d'esse testamento; eu, simples conselheiro, nada mais fiz que animar-vos. Estaes arrependido?

COMMENDADOR.

O Sr. Eduardo era honrado, foi demittido em virtude de uma queixa que dei contra elle. Barão, desconfio que os papeis do testamento falso estejam em seu poder. Se Eduardo entregar a promotoria publica esses documentos, mettem-me

na cadeia. Estou perdido, Barão, se não me arrancares deste abysmo com a vossa influencia poterosissima.

BARÃO.

Quando vos authorisei a falsificar esse testamento não vos disse que garantia a vossa vida e liberdade? Então o Barão do Oyapock já não tem em suas mãos ministros, magistrados, juizes, e tudo quanto elle quizer? Deixai-vos de lugubres presentimentos, bebei um pouco de conhac, é um calmante descoberto pelos proprios discipulos de Hipocrates, com o remedio o mais salutar para acalmar as ideias perturbadas.

COMMENDADOR (prepara um copo e bebe).

Ah! Barão, o que mais eu sinto é que vosso filho despreze o fructo de nossos trabalhos! Uma desgraça muito maior do que esse testamento falso me agita agora. A dor secca-me os rizos, o medo tira-me a alegria, tudo é para mim decepções e miseria! A falsificação d'esse testamento importava em augmento da fortuna de minha filha, que tinhamos destinado para ser esposa do Sr. Alfredo. Mas a herança da familia de Sebastião da Silva veio amaldiçoada, e vosso filho não quer partilhar d'essa herança a parte que lhe tinhamos preparado. O irmão de Sebastião da Silva morreo nesta côrte desgostoso e pobre, legando aos seus a miseria e a honra! Oh! tudo me horrorisa agora, Barão, por que vosso filho enamorado, entregue a especulação de duas mulheres, vai esposar-se com uma que se vende a elle para herdar a vossa fortuna.

BARÃO (erguendo-se).

·O que dizeis, commendador? Não vos ouvi bem.

COMMENDADOR.

Ha pouco sube tudo. Alfredo está perdido por uma mulher de baixa classe, da infima esphera. O inexperiente Alfredo se deixou cahir no laço que lhe armarão. Alfredo vai comprar aquillo que ellas venderão a outro, e comtudo será esposo.

BARÃO.

Commendador, o negocio é serio, ou vós estaes por vossa vez amedrontando-me? Quereis vingar-vos assim do mal que vos causa Eduardo?

COMMENDADOR.

Não tenho costume de tirar desforra com os amigos... Ha pouco affiançarão-me que o Sr. Alfredo, para contrariar-vos, a titulo de philantropico, protege ha dias umas mulheres que a voz publica aponta como as atrevidas que insultarão o Barão do Oyapock no seu proprio palacio!

BARÃO (furioso).

Acabai... acabai... Sei que elle frequenta a sua casa, continuai.

COMMENDADOR (erguendo-se).

Que fatalidade! Vós não as conhecestes?

BARÃO.

Não! Fallai, quem são ellas?

COMMENDADOR.

As herdeiras de Sebastião da Silva?

BARÃO (furioso).

Maldição! Commendador, dissestes que Alfredo ia esposar-se com... e eu que já devia ter-me vingado! Quiz despresa-las ellas procurão-me de novo! Oh! querem a lucta? Escaparão de ser arrastadas deste palacio para fóra, e querem vingança peor! Ah! ellas não conhecem o Barão do Oyapock. Como a borboleta, volteião em roda da chama que as póde queimar... ah! Commendador, vós estaes enganado... illudido... outros serão os fins de Alfredo. (*tranquillo*) Comprehendo tudo. A mais moça é bella e seductora, Alfredo desfructa os encantos d'essa menina e gosa o verdadeiro paraiso. Meu commendador, vós pensastes mal.

COMMENDADOR.

Se fosse assim, não vos teria dado uma tão má notícia. Sabei que o Sr. Alfredo tem um genio pouco dado as ledibina-gens, e não são as mulheres bellas quem o prendem. Longo tempo morou em umas aguas furtadas, e só o Escrivão Eduardo se via ali entrar. Ninguem mais hia ter com elle.

BARÃO.

É que elle hia ter com ellas. A politica assim o pede.

COMMENDADOR.

E se eu vos assegurar que Alfredo casa-se?

BARÃO.

Eu vos responderei—mentis! Alfredo colhe flores, e não espinhos.

COMMENDADOR.

Barão, vosso filho terá espinhos em lugar de flores; d'aqui a uma hora na Igreja do Sacramento... elle se tornará um martyr de seu genio fatal.

BARÃO (desesperado).

Nunca! Nunca! Commendador, como soubestes?

COMMENDADOR.

É a ordem do dia de toda a çôrte. Nas lojas, nos botequins por toda a parte não se falla em outra cousa.

BARÃO.

E como só agora, quando proximos do altar, é que me procurais, e avisais desta desgraça?

COMMENDADOR.

O jogo é uma paixão terrivel, Barão! Eu tudo soube

a mesa, jogando o *lansquinet*; ainda não tinha jantado, e cabia-me a vez de correr as cartas! Esqueci a fome, esqueci tudo!.. Perdi quanto dinheiro levava... creei novas dividas e só depois lembrou-me do que tinham dito a respeito do vosso filho. Sahi a informar-me, e desgraçadamente sube que tudo era verdade! Oh! a sorte castigou-me em tudo, corri a prevenir-vos. Na rua encontrei Eduardo que levava debaixo do braço um maço de papel... Julguei enxergar atravez do envoltorio os autos de minha condemnação! e ouvi elle dizer-me—eu me vingarei! Entro em vosso palacio cheio de confiança em vós, mas trasendo um máo presentimento no coração... Barão, este casamento exige um reparo rapido e seguro. Alfredo... casar-se... não é possivel, seria desgraçar minha filha.

BARÃO.

Casar-se! Casar-se! Oh! eu perco a cabeça!

COMMENDADOR.

Acalmai-vos, Barão, bebei um pouco de conhac, vós a pouco me receitastes. (*o Barão senta-se e bebe*) Tranquilisai-vos e tracemos o plano de obstar este casamento, que se pretende fazer contra vossa vontade, sem dardes espetaculo publico.

BARÃO.

Juro-vos que esse casamento não se hade effectuar.

COMMENDADOR.

Resta-nos pouco tempo, e o que tendes a fazer? Porque forma podeis obstar esse casamento? Alfredo conta 33 annos, é livre...

BARÃO.

Eu vos prometto que Alfredo não se hade casar.

COMMENDADOR.

Resta-nos uma hora.

BARÃO.

É tempo de mais para triumphar.

SCENA 5.^a

Ditos e Alfredo.

ALFREDO (trajando de preto).

Muito folgo encontrar-vos reunidos, meus senhores?

BARÃO.

Não folgamos menos com a tua apparição.

ALFREDO.

O accaso faz as vezes sahir certo o que desejamos. Vós me esperaveis, eu ambicionava encontrar-me comvosco, e eis-nos reunidos e satisfeitos. Não é assim, Sr. commendador?

BARÃO.

Alfredo, desejavamos fallar-te, e já que appareceste é forçoso que tudo se explique agora mesmo.

ALFREDO.

Ainda trata-se do grande e importante negocio commercial que vos tem preocupado e dado que fazer ha longo tempo? Sinto que não se augmente os vossos algarismos de riqueza, commendador Epaminondas. Admira-vos este procedimento? Senhores agiotas, não sereis enganados, porque a mercadoria negociada rebela-se, e não se deixa vender. É um facto novo em commercio que o codigo não previo.

COMMENDADOR.

Previno ao Sr. Alfredo que deve respeitar minha filha.

ALFREDO.

Nem entrou em minhas intenções offender a filha do Sr. commendador Epaminondas, juiz exacto, consciencioso, (*riudo-se sardonicamente*) honrado e...

COMMENDADOR (ameaçador).

Insultais-me!

ALFREDO (formalisado).

Já vos tenho desenganado formalmente, Sr. commendador, e espero em breve matar para sempre as vossas ambiciosas esperanças.

COMMENDADOR.

Por que ides d'aqui a pouco desposar a uma...

BARÃO.

Não é possível!.. Não é possível!

ALFREDO.

Senhores é tempo de deixarmos as mascaras, acabemos com este continuo carnaval em que vivemos. Sr. commendador, vós por muito tendes illudido os incautos que, menos informados da vida alheia, se tem deixado lograr com os avultados emprestimos que vos hão feito a juros elevados, fiados todos nas vossas propriedades e lavoura, quando essas, hypothecadas a diversos já não vos pertencem.

COMMENDADOR.

Sois um calumniador!

ALFREDO.

Calumniador! Calumniador é o juiz que em paga de futuros favores e interesses propios, mente á face dos homens e da sua propria consciencia, dando uma queixa falsa de um

escrivão honrado! Calumniador é aquelle, que para enganar a sociedade em que vive, sustenta essa mesma sociedade com bailes pomposos á custa d'aquelles que lhe emprestão dinheiro, por que elle lhes garante, lhes hypotheca seus predios hypothecados a muitos, e suas fazendas penhoradas á diversos! Calumniador é o juiz que vende o voto e mercadeja a sentença que deve dar! Calumniador sois vós, commendador Epaminondas, porque sois tudo isso! Não devo supportar por mais tempo este jogo no qual sirvo de parada. Eu vos detesto, Sr. commendador, e se sois um homem habil para tyranno de uma tragedia, lembrai-vos que os fins dos tyrannos são funestos.

COMMENDADOR.

Barão, vosso filho insulta-me! Em vossa presença desrespeita o vosso melhor amigo.

BARÃO.

Esqueceste, Alfredo, que fallas ao commendador e a teu pai?

ALFREDO.

O esquecimento foi herança de familia. Legarão-me com o apellido. O esquecimento as vezes é um balsamo e faz curar dolorosas cicatrises e outras vezes é um crime...

BARÃO.

Ah! (*cahe na poltrona acabrunhado*) Meu Deos!

COMMENDADOR.

Essa linguagem é do homem que tem consciencia do erro que vai praticar. A rasão foge-lhe para dar lugar a loucura. Temeis a justa e poderosa opposição paterna, e rebelai-vos contra vosso pai, como um meio de chegardes ao fim que projetastes. Sou um optimo typo de tyranno, vós o achastes, e deveis reconhecer que de galan representariéis optimamente, Sr. Alfredo. Mas nem todos os galans sahem cheios de gloria, e triumphantes. Com o vosso procedimento commetteis um erro...

ALFREDO.

Fallastes em erro, Sr. commendador, quando o erro tem sido o vosso unico cabedal, o vosso elemento, o vosso meio de vida! Errastes, ou antes commetteste um crime falsificando um testamento!... Errastes esbanjando a fortuna que herdastes de vossos avós. Errastes creando vossa filha no meio de uma sociedade corrompida. Errastes, ainda e fatalmente me escolhendo para o salvador de vossa ruina intallivel! Temei, Sr. commendador, o cabir da opulencia na miseria—passardes de juiz a réo! (*o Commendador abaixa a cabeça*) Erguei a fronte altiva na presença d'aquelle que sabe tudo, e que vos pôde perder para sempre, Sr. commendador Epa-minondas.

COMMENDADOR (*reanimando-se*).

Estudastes bem o vosso papel de comediante, e tivestes a triste ideia de suppor amedrontar-me na presença de vosso pai. Enganastes-vos, meu caro, o Sr. Barão tudo sabe. Vós ides esposar uma mulher, que a voz publica indica como...

ALFREDO.

Calai-vos, senhor, se não quereis obrigar-me a punir-vos.

COMMENDADOR.

Concordais que é um tresvario de rapaz, não é assim? Estais apaixonado, e essa mulher vende seus osculos e afagos pelo litulo de esposa e de herdeira do Barão do Oyapock.

ALFREDO.

Sr. Commendador, a vossa idade pôde ser desrespeitada. A mocidade ás vezes castiga a velhice.

COMMENDADOR.

De uma mulher publica a vossa noiva quer passar a ser nora do Barão do Oyapock. Quer um palacio em troca de sua

choupana, a riqueza pela miseria... quer ser vossa esposa e não...

BARÃO (aparte).

Nunca o será!

ALFREDO (concentrando a raiva).

Essa mulher como tratais, vale mais que vossa filha. A corrupção de vossos salões ainda não disvertuou o seu coração candido e ingenuo, e se continuardes, Sr. Commendador, previno-vos que a paciência humana tem limites. Insultastes a virtude, é o dever do crime e do vicio, estaes no vosso direito, mas em minha presença ordeno-vos silencio.

COMMENDADOR (pegando no chapéo).

Barão, vosso filho maltrata-me no que tenho de mais caro, a minha filha. Elle se hade arrepender. Case-se com a me-retriz que não o ama...

ALFREDO (agarrando o commendador pelo braço; este cahe de jelhos, e o chapéo rola pelo chão).

Miseravel!

BARÃO.

Alfredo! Alfredo!

ALFREDO (empurrando o Commendador).

Eu vos desprezo!

COMMENDADOR (apanhando o chapéo).

Eu me vingarei (sahe).

SCENA 6.^a

Barão e Alfredo.

ALFREDO (fechando as portas).

Vai-te, homem despresivel.

O que fazes?

BARÃO.

ALFREDO.

Livro-vos de importunos deste genero. Foi uma serpente cuja cabeça esmaguei.

BARÃO.

Essa cautella!...

ALFREDO.

Tomo-as por que tenho que contar-vos uma historia, e foi para isso que vim aqui, sem esperar achar o Commendador ao vosso lado. É um segredo que vos quero confiar.

BARÃO.

Um segredo! Do teu casamento?

ALFREDO.

Sim.

BARÃO.

Não o effectuarás, eu o espero.

ALFREDO.

Sentai-vos, e tranquillisai o vosso espirito alterado pelo commendador Epaminondas. Hoje será a ultima vez que vos heide importunar, Sr. Barão. E como vos prometti contar uma historia...

BARÃO.

Não sei o que pense!.. Tu enlouquecestes?

ALFREDO.

Dar-vos-hei uma prova palpavel do contrario, narrando-vos um facto passado ha 12 annos, em uma estalagem... Se eu fosse louco, não me casaria hoje.

BARÃO.

Recordo-te que dissestes ao Commendador que a paciencia humana tem limites.

ALFREDO.

Ha 12 annos em uma estalagem a raiz da Serra, um homem levado pela febre da ambição... não teve a paciencia precisa para esperar uma fortuna honrosa... quiz... e conseguiu...

BARÃO (colevico).

Cala-te! Cala-te!

ALFREDO.

Foi um negocio em que o rico perdeu a vida, para o pobre ganhar-lhe a riqueza. Já vedes que não disse—roubar. A fortuna estorquida por meio do punhal augmentou-se em pouco tempo no mercado da moeda falsa, e tornou-se fabulosa no trafico de africanos! O certo é que o estalajadeiro vio mudarem-se as scenas. Vendeu a sua estalagem a um seu credor, que fôra seu caixeiro, e hoje é capitalista nesta côrte, tendo a cautella de demolir antes o segredo de um fogão que o livrou das garras da justiça. O ambicioso estalajadeiro sonhava com a riqueza, vio realisarem-se os seus sonhos, mas ainda sonha ser mais rico apesar de milionario!

BARÃO.

Continuai, vejo que estás a par de toda a minha vida.

ALFREDO.

O moedeiro falso sabia que ficava impune, e que não tendo sido descoberto como assassino de Rogero de Souza, não receiava nada neste novo crime. Assim foi. O introductor de moeda falsa ficou impune como o estalajadeiro assassino. Navios carregados de ninharias fizeram-se a vella, enviados pelo estalajadeiro rico, e a salvamento atravessarão os mares regressando carregados com mercadoria humana, que têm olhos para chorar, labios para lastimar-se, e coração para sentir! As leis do Brasil prohibião o trafico, mas os carregamentos vendião-se sem que fossem perseguidos os honrados e

laboriosos negociantes de carne humana pelas authoridades do paiz ! Confessareis, Sr. Barão, que ainda serieis um grande mercador de escravos se o cruseiro inglez não tomasse a seu cargo acabar os piratas africanistas. Verdade seja que para isso custou á patria alguma vergonha, mas o que é o amor da patria comparado com o interesse immenso que deixavão os africanos? . . . O estalajadeiro da raiz da Serra já não podia supportar um nome vulgar e plebeu; comprou com donativos philantropicos o titulo de Barão do . . .

BARÃO.

É de mais ! (*ergue-se*).

ALFREDO.

Escutai (*o Barão senta-se*) Dizei-me, Sr. Barão, se fosses filho d'esse estalajadeiro, quererieis um tal pai para o amar, respeitar e . . . Oh ! não ! Não o quererieis, ou então serieis seu igual. Confundido com elle difficil seria differençar-vos.

BARÃO (*raivoso*).

Continuai . . . Sois o castigo que a providencia reservou-me.

ALFREDO.

Esse estalajadeiro chamava-se Manoel Joaquim dos Santos, aquem seu filho Alfredo dos Santos despresára n'essa noite fatal.

BARÃO.

Alfredo ! Alfredo ! Deos me pune, servindo-se de ti para neu tormento !

ALFREDO.

Ha oito dias duas infelizes senhoras entrarão no palacio do Barão . . . vós bem o sabeis, e forão pelo distincto fidalgo mal tratadas. Felizmente achava-me presente, deffendi-as e deixei a casa do Barão. Fui a casa d'ellas, encontrei-as na maior miseria ! Um credor terrivel como um homem de marmore

não attendia a essas infelizes, como vós o fizestes, Sr. Barão, e seus poucos moveis serião penhorados, se eu não me apressasse a salvá-las de mais uma desgraça! Ah! se conhecesseis o credor dessas infelizes, reconheceríeis o quanto é máo ser-se cruel, e o quanto supportarão essas desventuradas creaturas.

BARÃO.

Quem é elle!

ALFREDO.

Aquelle que quiz receber n'aquella noite....

BARÃO (admirado).

Benedicto!

ALFREDO.

O vosso caixeiro, e depois proprietario da vossa estalagem.

BARÃO.

Grande Deos! Elle na còrte! Rico tambem!

ALFREDO.

Quando, só levado pelo impulso de humanidade, entrei na casa d'essas infelizes, um retrato as tornou minhas conhecidas de 12 annos, apesar de ser aquelle o primeiro dia que eu as via.

BARÃO.

Um retrato!

ALFREDO!

Um retrato levou-me a pedir a mão de Rosa, a encantadora moça que aqui vistes.

BARÃO (alterado).

Rosa! E o que tenho com tudo isso?

ALFREDO.

Eu amei, amei-a logo que a vi em vossa casa, e vai ser minha esposa d'aqui a pouco. Tudo está preparado.

BARÃO.

Nunca, já l'ò disse. Alfredo ordeno-te que desfaças esse casamento.

ALFREDO.

Se eu vos dissesse, Sr. Barão, que a minha noiva é rica, é milionaria, consentiríeis? Pois bem, ella é milionaria, é tão rica como vós.

BARÃO.

É uma miseravel, não será minha herdeira.

ALFREDO.

Calculai, Sr. Barão, vós que passais pelo melhor financeiro da epocha, calculai que a minha noiva, a quem chamastes miseravel, possuindo noventa contos de reis ha 12 annos...

BARÃO.

O que dizeis?

ALFREDO.

Que Rosa é milionaria. O retrato que vi é de seu pai!

BARÃO (convulso).

Acaba! Será possível?! De seu pai! O seu nome?

ALFREDO.

Rogero de Souza.

BARÃO (cahe na poltrona).

Desgraça eterna!

ALFREDO.

Com esse casamento restituo o que lhes tirastes. Já que não posso obrigar o commendador a restituir-lhe o que lhe roubara.

BARÃO.

Alfredo, se ella souber quem é o assassino de seu pai ..
que esse é. . . .

ALFREDO.

Meu pai não é assim, Sr. Barão! Que sois vós? Mas quem
lhe poderá dizer? No mundo nós dois só o sabemos. Eu juro
um segredo de morte, e vós não sereis o vosso proprio denun-
ciante, não quererieis ver a vossa fortuna passar ás mãos de
seu verdadeiro dono; já vêdes, senhor, que nada receio. Que
o mundo ficará ignorando sempre. . .

BARÃO.

Alfredo, esse casamento é um impossivel.

ALFREDO.

Rosa é virtuosa como minha mãe o foi; é amada, e o amôr
não conhece impossiveis, Sr. Barão, quasi que assemelha-se
à ambição.

BARÃO.

Não te casarás.

ALFREDO.

Quem o póde obstar?

BARÃO.

Eu. . . eu. . . teu pai. . . o assassino de. . .

ALFREDO.

Temei o carcere com os seus horrores. . . a infamia com a
sua vergonha, a morte com a maldição!

BARÃO.

Ah! (*cahe na poltrona*).

ALFREDO.

Deos vos illumine (*sahe*).

SCENA 7.^a

BARÃO.

Ella! a filha de Rogero de Souza! A herdeira de Sebastião da Silva! Oh! não... não será a herdeira do... Mas o que hei-de fazer? Que morra! Que morra como seu pai morreo! Devo ser o seu assassino como fui delle pai. (*alto*) André... André!

SCENA 8.^a

Barão e André.

ANDRÉ.

Meu senhor.

BARÃO (*reflectindo*).

A justiça não se atreverá a incommodar-me, tenho dinheiro para compral-a. (*para André*) André, sabes que teu senhor te deixa forro em seu testamento?

ANDRÉ.

Meu senhor assim o diz.

BARÃO.

Mas eu posso viver longo tempo, posso mesmo arrepender-me de te alforriar e romper o testamento, vender-te para os lavradores, surrar-te, matar-te...

ANDRÉ.

Meu senhor! Em que André vos desgostou?

BARÃO.

Em nada... em nada; mas elle é teu amigo, e em ti confia.

Se carecesse de teu sangue de tua vida, por mim não sacrificarias tudo?

ANDRÉ.

Tudo vos prometto, meu senhor.

BARÃO.

André, ouve-me e julga pelo meu estado de affligão o quanto soffro neste momento. Indagaste onde morão aquellas mulheres que me insultarão face a face, em meu proprio palacio?

ANDRÉ.

Sim, meu senhor, vós ordenastes, eu obdeci.

BARÃO.

É esta a missão mais importante que te vou confiar.

ANDRÉ.

Meu senhor manda, e eu obdeço cegamente.

BARÃO.

Espera-me. (*aparte*) Veremos, Alfredo, quem vencerá (*vae para o quarto*).

SCENA 9.^a

ANDRÉ.

O que será? Meu senhor alterado! Oh! eu deixar de ser livre! Não é possível... o testamento está escripto... Oh! eu quero a liberdade! Sempre esta ideia de morte! O que devo fazer? Meu Deus! Tende piedade de mim! Se não obdecer a meu senhor, a escravidão e a morte. Obdecendo... o que será?

SCENA 10.^a

André e Barão.

BARÃO (mostrando um vidro).

André, dentro d'este vidro contem um pó subtil que deitarás em qualquer liquido e darás a D. Rosa... e a essa menina que tanto me offendera... Entendes? E depois de veres que têm bebido... eu espero por ti na minha alcôva, onde encontrarás a tua carta de liberdade. Cautela e perspicacia (*dá o vidro*).

ANDRÉ (vendo o vidro).

Veneno!

BARÃO.

Silencio. Compreendes-me? Obdecer-me... ou morrer (*sahe*).

SCENA 11.^a

ANDRÉ.

Obdecer-me, ou... morrer! Eu assassino! Oh! vêl-a heber a morte... morrer! Perder a liberdade! a vida! Ah! André estaes perdido. Se matas essa menina a forca te espera, se a deixas viver o azorrague tira-te a vida! Oh! que delirio! (*vendo um copo com conhae e garrafas*) Meu Deos! só me resta este meio. (*examina a scena, deita conhae no copo do Barão e lança-lhe parte do veneno*) Se me prenderem levo a morte para me salvar da forca (*mostrando o vidro*). Mas se outra for a victima! Não, vigiarei... seguirei os seus passos elle não me escapará. Assim, se a justiça ignorar o assassino, terei a liberdade legada em testamento (*sahe*).

SCENA 12.^a

Barão Doutor e André.

BARÃO (vindo do quarto).

Já partio! (*vendo a sala vazia*).

DOUTOR (vindo do fundo).

Encontrei-vos finalmente, Sr. Barão.

BARÃO.

O que determinais?

DOUTOR.

Julguei que estaveis...

BARÃO.

Assistindo o casamento de meu filho, não é verdade?

DOUTOR.

Vós sabeis?

BARÃO.

Alfredo casa-se com minha licença, como podia ignorar?
(senta-se na poltrona em que estivera em principio do acto e oferece a outra ao Doutor) Sentai-vos, Doutor.

DOUTOR.

A demora é pouca, como ouvi fallar que vós não sabeis deste casamento...

BARÃO.

Ouvistes fallar, a quem?

DOUTOR.

Ao Commendador Epaminondas.

BARÃO.

O Commendador incumbio-se de espalhar... uma calumnia.

DOUTOR.

Mas elle é todo vosso.

BARÃO (pegando no copo com veneno).

Todo meu é este copo de conhaç, Doutor, e se quizerdes preparai outro para vós (*bebe*).

ANDRÉ (oculto atravez das portas, só deixa ver que espia).

Elle bebe (*falla aparte*).

BARÃO (deixando o copo).

Não quereis?

DOUTOR.

Não, sou da Temperança.

ANDRÉ.

Resta-me a fuga (*vê-se passar pelo fundo e sahe*).

SCENA 13.^a

Barão e Doutor.

BARÃO.

Admira-ves, Doutor, meu filho ir casar agora, e eu achar-me em casa, não é verdade?

DOUTOR.

Parece-me...

BARÃO.

Uma cousa fôra do natural, Doutor. (*aparte*) Irei quando o véo for substituido pela mortalha.

DOUTOR.

E mesmo extranha.

BARÃO.

Doutor, sinto-me incommodado.

DOUTOR.

Alguma indisposição de estomago. Bebestes...

BARÃO.

Conhae com agôa, e dizem que é estomacal. Doutor, sinto suores frios! Oh! que ancias, Doutor.

DOUTOR (tomando o pulso ao Barão).

Está alterado (*tocando a campainha*).

BARÃO.

André, não está ahi, Doutor.

DOUTOR.

Chamarei outros (*toca a campainha com força*).

BARÃO.

Doutor, que dôr sinto no ventre! As entranhas partem-se-me! que agonia! Oh! eu morro!

DOUTOR (examinando).

Estaes frio! ah! (*vai ao copo, deita um liquido que tira de um vidro que traz no estojo medico, e a agoa fica negra*. Barão, quem vos preparou esta bebida?

BARÃO.

Eu... eu mesmo.

DOUTOR.

Não desconfiaes.

BARÃO.

Doutor o que suspeitaes?

DOUTOR.

Barão uma mão traioeira deitou-vos neste copo...

BARÃO.

Veneno! Oh! foi André!

DOUTOR.

André! Elle queria a liberdade!

BARÃO (desesperado).

A liberdade! Oh! (*quer levantar-se da poltrona e cahe sentado*) Oh! eu morro! Doutor.

DOUTOR (tocando com força a campainha, grita).

Oh lá! não me ouvem? Vinde, o Sr. Barão chama a todos.

SCENA 14.^a

Ditos, creados e escravos.

BARÃO.

Doutor, mandai prender a André, elle é o meu assassino!

DOUTOR.

Grande Deos! Como obtive elle o veneno mais terrivel...!

BARÃO (agoniado).

Roubou-me! Oh, roubou-me, Doutor. Mandai a policia...
Oh lá! Cypriano, (*para um servo*) corre... vai a policia, avisa
ao chefe, ou a quem encontrares lá, que André, o escravo do
Barão do Oyapock envenenou seu senhor (*Cypriano sahe*),

DOUTOR (para o Barão).

Acalmai-vos, Barão, eu vos salvarei (*preparando uma bebida*).

BARÃO.

Quero a vida, Doutor, sim, quero ver morrer na forca esse traidor.

DOUTOR (dando de beber ao Barão).

Fostes leviano em dizer-lhe que o deixaveis livre em vosso testamento. Nunca um senhor deve dizer tal cousa a seu escravo.

BARÃO (bebendo).

É verdade, Doutor. Era tambem um escravo de menos que deixava a meu filho... Meu filho!? Onde está elle? Quero fallar-lhe.

DOUTOR.

Deve estar na Igreja do Sacramento para casar-se...

BARÃO.

Casar-se! Oh! eu quero fallar-lhe, que venha me ver antes que eu morra. Que conduza essas senhoras... tenho necessidade de pedir-lhes perdão.

DOUTOR (para outro criado).

Ide ao Sacramento, dizei ao Sr. Alfredo que seu pai o chama. Se vos perguntar alguma cousa, dizei-lhe que está envenenado e que sem demora espera por elle e pela familia de D. Elysia de Souza (*o criado sahe*).

BARÃO.

Obrigado, Doutor, o vosso remedio mitigou-me as afflicções. Conheceis D. Elysia de Souza?

DOUTOR.

Não; sei o nome por me ter dito o Commendador Epami-

nondas. Estaes melhor? Eu vos salvarei. (*aparte*) É impossível!

BARÃO.

Eu não quero morrer, Doutor; dou-vos parte da minha riqueza se me derdes a vida... sabeis quanto possuo... salvai-me...

DOUTOR.

Confiai em mim (*prepara novo remedio*).

SCENA 15.^a

Ditos e Commendador.

COMMENDADOR (*indo ao Barão*).

Será verdade! Justos céos! Barão, o que vejo! Cyprianno disse-me tudo! Fui a policia e...

BARÃO (*reconhecendo o Commendador*).

Sois vós, commendador? É o inferno que vos envia, eu lhe agradeço. Tenho um segredo a contar a noiva de meu filho, se a morte não permittir que lhe falle, sereis vós o encarregado de dizer-lhe...

COMMENDADOR.

Um segredo! Fallai.

DOUTOR (*dando novo remedio*).

Barão, bebei este remedio.

BARÃO (*bebe*).

Doutor, sois incansavel. (*para o Commendador*) André envenou-me.

COMMENDADOR.

Já deve estar preso o vosso assassino certamente; denunci-
cei-o como o mandante do crime commettido por André.

BARÃO.

Prêso! Quem?

COMMENDADOR.

Vosso filho, que foi o author deste envenenamento.

BARÃO.

Meu filho! O que dizeis, commendador? Quem vos disse
isso?

COMMENDADOR.

Ninguém, suspeitei, e fiz a policia prendel-o.

BARÃO.

Alfredo está innocente!

COMMENDADOR.

Elle ia casar, ao menos obstei-lhe que o fizesse.

BARÃO.

Alfredo! (*quer erguer-se e não pôde*) Já não tenho forças!
Doutor, salvai-me... quero a vida... Oh! não me deixeis
morrer!

COMMENDADOR.

Barão, André foi um instrumento...

BARÃO (*delirando*).

Calai-vos! Sombra dos mortos, fugi! Aspecto medonho
deixai-me... deixai-me... Ouço vossa voz que pede vingança!
vingança! Oh! (*dando com o Doutor*) Doutor eu tenho
medo agora!

DOUTOR (dando nova bebida).

Bebei.

BARÃO (bebendo).

Oh! Doutor, quanto custa deixar o mundo. Dai-me a vida que nunca careci d'ella como agora.

COMMENDADOR.

O Doutor vos salvará para conhecerdes que vosso filho é o author deste crime.

BARÃO.

Meu filho! Oh! como tarda!

COMMENDADOR.

É que foi prêso.

BARÃO.

Prêso! Elle! Innoceente! Não! não! Commendador, quero fallar a meu filho . . : quero vel-o antes de morrer.

COMMENDADOR (Alfredo já em scena sem ser visto pelo Commendador).

A justiça o tem em seu poder.

SCENA 16.^a

Ditos e Alfredo.

ALFREDO.

Não, Commendador, a justiça já ouviu o verdadeiro criminoso. André está morto.

BARÃO.

Morto!

ALFREDO.

Parte do veneno que lhe destes, Sr. Barão, servio para elle.

BARÃO.

Oh! elle nada disse?

ALFREDO.

Tudo confesso. Eduardo estava na policia, correo a dar-me parte, no momento em que entrava o vosso portador. Apressei-me a ver-vos, e felizmente encontrei-vos vivo ainda.

BARÃO.

Alfredo! Oh! onde está tua noiva? Está casado.

ALFREDO.

Rosa e sua mãe seguirão-me com Eduardo.

BARÃO.

Sinto passos!

ALFREDO!

São elles.

BARÃO.

Alfredo, tu não te casarás.

ALFREDO.

O que ides fazer, Sr. Barão?

SCENA 17.^a

Ditos, Eduardo, Rosa e Elysia.

Rosa (correndo para Alfredo.)

Alfredo!

ALFREDO.

Rosa !

ELYSIA (para o Barão)

Senhor!.. o que determinaes?

BARÃO.

Eu morro! Sinto um fogo infernal abrasar-me as entranhas! Doutor, a colica augmenta... já sinto a vós enfraquecer-me... os olhos se me envolvem em espeda nuvem de fumo... Oh! perdão! (para Elysia) Perdão, senhora, mas vós não me deixareis morrer sem o vosso perdão... Eu sou um monstro...

ALFREDO.

Senhor Barão... tende piedade.

BARÃO.

Alfredo, hoje o corpo inanimado de teu pai separa-té das nupcias... amanhã...

ALFREDO.

Senhor, em nome de Deos !

COMMENDADOR (aparte).

Aqui ha misterio !

BARÃO.

D. Elysia... vós sois a viuva de Rogero de Souza...

ELYSIA.

É verdade, senhor.

BARÃO.

Eu... ah ! eu... (cahe morto).

DOUTOR (que tem levado a mão ao pulso do Barão).

Morreo.

TODOS.

Morto!

ALFREDO (ajoelhando-se aos pés do cadaver do Barão).

Justiça de Deos!

ROSA (ajoelhando do outro lado).

Deos lhe perdõe, que nós lhe perdoamos o mal que nos fez.

COMMENDADOR (aparte).

Nada mais me resta (*vae sahindo*).

EDUARDO (contendo o Commendador).

Em nome da lei estaes preso, Sr. Epaminondas.

COMMENDADOR.

Quem sois vós?

EDUARDO.

O vosso denunciante.

ALFREDO (*erguendo-se*).

O que fizestes, Eduardo?

EDUARDO.

Justiça! (*abre c. porta do fundo, entrão soldados com um offi-
cial e prendem o Commendador, o qual Eduardo apresenta como
criminoso*).

FIM DO DRAMA.

